

Historia Oral da Comunidade Pesqueira do Canto da Lagoa (Laguna - SC) .

Jeniffer de L. Meirelles

Luanna M. M. Feliciano

Micaella Zelindro

1. ENTREVISTA:

Entrevistada: Dona Nilda.



Primeiro sobre a história de vida, tu nasceste aqui em Laguna ou em vem de outro lugar?

Nilda: Eu nasci no Rio Grande do Sul, mas minha mãe nos trouxe pra cá pequenininha, mas nós fomos registrada na Laguna.

Na Laguna?

Nilda: Foi.

Quando foi isso, faz muito tempo?

Nilda: A mãe registrou nós, eu nasci em 1958 então ela registrou na mesma data, por que ela só ganhou e trouxe eu. Foi só eu que nasci no Rio Grande os outros não nasceram.

Seus pais eram de Laguna?

Nilda: Meu pai era de Laguna, só que morava no Camacho.

E tua mãe também?

Nilda: Não, minha mãe era de Garopaba do Norte, eles foram pra Rio Grande lá eles se conheceram, meu pai noivou com minha mãe e minha mãe, não, meu pai fez o casamento eram pobre veio de lá e meu pai trouxe minha mãe quando veio... Só trouxe uma gaiola de passarinho meu pai e minha mãe, só trouxe a gaiola de passarinho, a mala dela e a mala dele só... Depois voltaram lá, pra pesca e foi onde que surgiu eu [risos], aí minha mãe ganhou eu lá e trouxe e registrou aqui na Laguna, aí minha mãe foi data de dois meses já registrou eu.

Daí ela morou no Rio Grande por quanto tempo?

Nilda: Ah, minha mãe acho que morou cinco anos no Rio Grande, aí depois que ela veio. Mas aí, mesma época que nasci a minha mãe já veio embora, e aí minha mãe disse que achou muito trabalho pra morar lá.

Por que escolheu trabalhar com a pesca?

Nilda: Porque meu pai era pescador, ele foi pescador toda vida, ele não tinha outro tipo de pesca então nós ali seguimos junto com o pai. Aqui não tinha estudo naquela época, não tinha estudo aqui, e nem essas escolas que hoje tem, né? Se veja fala, naquela época não tinha aqui, então nós estudamos até o quarto ano e eu estudei até o quarto ano, mas nem sei lê. Bem pouquinho meu nome,

de pouquinho a Bíblia, agora tô aprendendo porque aí a gente se senta começa ali, né? Daí vai lendo, lendo aí a gente aprende, pela Bíblia que tô aprendendo mais, até um dia saiu uma escola, a aula aqui até fui uns dois dias, depois eu fiquei com preguiça de fazer a tarefa as professoras não deixaram mais eu ir [risos]. E elas disseram:

- Não fizesse a tarefa?

- Não, eu não fiz

- Ah! Então não vem mais [risos].

Eu tava velha também, não adiantava... E vai fazer uns cinco anos, eu acho. Então podia ter estudado, né? Preguiçosa mesmo, então; naquela época o pai não, aí nós continuemos junto com o pai assim né, a gente ia pra escola depois nós ia trabalhar com o pai na pesca na praia quando não dava essa pesca da tainha ele ia pro Rio Grande pescar. Ele ia de caminhão esses caminhões que carrega canoa, iam pescar de arrastão e aí meu pai ficava seis meses lá.

Mas aqui?

Nilda: Lá no Rio Grande. Meu pai e minha mãe ficava aqui no Camacho, e meu pai ia pro Rio Grande pescar com parentes dele, aí chegava lá pescava até seis meses e aí não via o pai, ficava seis meses sem ver o pai. E aí, naquela vez não existia telefone, não existia internet, não tinha nada, hoje é que eles pegam peixe lá aqui a pouco já sabe aqui né, mas naquela época não existia. Então, minha mãe as vez assim:

"Aí! Tô com uma saudade do teu pai, né? Saudade do Luiz!"

Aí a gente manda uma carta mãe, mas nem a mãe não sabia lê e escrever a carta porque a mãe não sabia lê, né? Daí tinha que ir em casa de quem? Na casa de quem soubesse lê pra escrever aquela carta, mas daqui aquela carta chega lá demorava muito aves o pai já tinha chegado e a carta não chegava lá por que demorava, né? Então era assim, muito trabalho. Aí fiquemos assim sem estudar toda vida, ficamos junto com o pai pescando, o pai vinha, quando o pai vinha lá do Rio Grande chegava aqui, o pai não pescava na praia, o pai ia pesca na lagoa aí era naquela época aqui era água doce nossa lagoa, hoje é água salgada, mas aquela época era traíra que hoje é difícil uma pessoa come traíra, né? Era jundiá, era cará, era outro peixe que chamavam como é que é?! É acho que é carapicu parece... Eram sim uns peixes assim que hoje é difícil de pega aí. Era gostosa, né? Era bem cheiroso, né? Mas não tem na nossa lagoa o peixe, não era vendido assim, inteiro na hora... A minha mãe escalava, eram escaladas aqui as mulheradas, tudo era escalado os peixes que os maridos pescavam, e salgava pra vende seco, era tudo assim. E tinha bastante, nem era corda: era bambu,

assim esticadinho; e botava os peixes tudo seco e depois, a cabo de muito tempo, o seu Lídio e seu Hugo da Garopaba compra o peixe, aí ele começava compra o peixe fresco não precisava escala, aí o pai vendia isca fresca ia lá pegava botava dentro de um viveiro fazia viveiro e botava o peixe ali dentro pra vende.

Esse peixe escalado também era vendido?

Nilda: Era tudo vendido. Era mais gostoso que esse fresco. Hoje não escala mais peixe por causa da geladeira e frízer, né? Mas naquela época era escalada e era muito mais gostosa, toda vida era bem bom.

E tinha freguesia?

Nilda: Tinha, bastante, iam para supermercado em Criciúma. Eles levavam, né? Os compradores compravam pra tudo quanto é lugar aqui pra Laguna, eles tudo compravam o peixe pra vende seco. Era desfiado, eles desfiavam pra fazer ensopado, era muito gostoso aquele peixe, era o tal do bacalhau. Hoje não temos bacalhau, que vem de fora como aquele nosso peixe era igual, igualzinho, igualzinho não tinha diferença, né? Hoje não se tem mais, mas não tem porque não fazem.

E a senhora é casada?

Nilda: Não, sô viúva.

E o seu esposo também trabalhava com pesca?

Nilda: Meu marido trabalhava com pesca, pescou mais de... Ele pescou muito pouco, mas ele vivia na comprava peixe pra vende, ele trabalhava em compra do peixe no Farol, nós vivia eu escalava muito peixe do Farol, eu quando eu faz... Trinta anos que (meu filho mais velho tem trinta ano) faz trinta ano que escalava, estava de nove, seis mês, cinco mês, bem gorda esperando um menino. Hoje ele pesca lá no Rio grande, e eu tava escalando 300 kg de peixe num dia, eu e a minha filha Laura escalemos até ela tirou esse ossinho aqui do lugar ó (mão), esse ossinho aqui saiu do lugar de escalar muito peixe. A gente, eu e ela, escalava e ela de certo esquentou, acho, muito a mão de certo tirou fora o ossinho dela, né? E nós fazia tanto, nós escalava pra salgar, que nós vendia muito, ele vendia muito pra banda do Turvo, Ermo, Araranguá... Ele vendia muito peixe salgado; e Doutor Jorge de Laguna, que hoje já é falecido, comprou muito esse nosso peixe,

nosso salgado assim. E ele negociava muito com peixe, mas também pescava bastante.

E tens quantos filhos?

Nilda: Eu tenho cinco.

Todos eles trabalham com pesca?

Nilda: Meus todos, todos eles. Não... têm duas que não. A que mora em Criciúma trabalha na Angeloni em criciúma é vendedora no elétrico já faz onze anos que ela trabalha lá, a Sonia. E tem a Norma, que mora em Tubarão. Essas duas não quiseram saber de pesca, elas disseram que era muito trabalho.

E esse seus filhos que trabalham com pesca, pescam artesanalmente aqui na Lagoa?

Nilda: Pescam no barco fora no mar. Marcelo pesca no barco fora, barco grande. E o Ulicerio pesca no barco grande.

Todos eles nasceram aqui?

Nilda: Todos eles nasceram aqui. Não... só a Sônia que nasceu no Turvo; eu ganhei ela lá no Turvo depois trouxe ela com meses pra cá, a registrei aqui na Laguna também.

A senhora sempre morou aqui?

Nilda: Sempre morei aqui desde idade de eu me lembro de que a mãe trouxe nós, com 5 anos de idade, pra cá do Camacho. Pra cá, depois que a mãe veio pra cá, morava no camacho... No camacho aí, pois nunca arrumava nada no camacho. Aí, a mãe sempre falava assim:

"Ah! Se eu sai daqui acho que não adquiri alguma coisa porque aqui no camacho não dá."

Porque a mãe morava com os parentes dela, de do pai. E a minha mãe pegou um dia e saiu e disse pra meu pai:

"Vamos embora, vamos num lugar na beirada de lagoa, arrumá outro lugar pra mora!"

E aí, o pai disse assim: *" Como!? Se a gente não tem nada!"*

Não tinha nada, nem um ranchinho...E aí o pai saiu e a mãe e disse:

"Eu não!"

A mãe disse:

"Eu vou! Tu fica ai, eu vou leva os meninos comigo"

Era eu, a mana, que é a dona do restaurante; a Glória e o Zé, que é aquele manquinho que mora ali. E a mãe saiu, botou nós numa tombadeira velha... Uma caçamba dessas, né? Que o compadre dela que trouxe. E ela veio, chegou aqui, ela achou daí paro aqui. Daí o compadre dela falou assim:

"Comadre Laura aqui é um lugar muito bom... É bonzinho aqui!"

E aí ela pego e paro, aí foram embora e deixou nós aqui, aí a mãe veio com uma bolsa só e nós três e chegou aqui tinha uma "meia-águinha" bem pequenininha ali onde é a peixaria do meu irmão do Lauro. Aí, a mãe disse:

"Vou vê de quem é esse ranchinho"

Nem janela nem porta não tinham, nem soalho. Aí a mãe disse:

"Vou vê de quem é isso aqui... Quem sabe eu acho o dono pra gente mora aqui"

Aí tá, a mãe e nós tudo atrás da mãe, nós três. Aí a mãe foi ali perguntou pro seu Jovino:

"De quem era aquele ranchinho ali?"

Ele perguntou o nome da mãe por que ele não conhecia a mãe, a mãe disse, aí ele perguntou se a mãe era casada, a mãe disse que era casada com seu Luiz.

E disse:

"Eu conheço seu Luiz!"

Aí, a mãe disse assim:

"Pois é... Eu sou casada com ele, eu vim aqui pra vê se arrumo um lugarzinho pra mora aqui, porque lá no camacho a gente não que."

Aí, ele disse:

"Não... Aquele ranchinho ali é dos Becker de Tubarão."

Eles vinha naquela época caçá, hoje ninguém caça, porque se caçá passarinho o IBAMA leva preso, mas naquela época eles caçavam frango d'água, né? Marreca, marreção e jacaré, era ratão, cuja que chamam. Eles caçavam, eles vinha pra caçá, eles tinham aquelas armas pra caça, eles tinha ordem pra caçá. Então, eles tinham ranchinho ali... Aí, a mãe pegou, entrou pra dentro com aquela bolsinha ali e foi lá. Deixou nós com a Dona Julia do Seu Jovino e foi e voltou de a pé pro Camacho. Chegou lá, a mãe disse pro pai:

"Ô, Luiz! Arrumei um lugar bonzinho... Vamos embora!"

Ela disse.

Não, o pai disse:

"Não!"

Que não vinha pra cá. A mãe disse:

"Ah! Se quiser acompanhá, me acompanhe. Se não me quiser, vou sozinha com meus filhos."

Aí, a mãe levou uma carroça, arrumou uma carroça lá e trouxe as esteira de junco porque ela fazia esteira de junco; trouxe e botou as coisas dentro da carroça e trouxe. Chegou aqui a janela

ela botou esteira de junco, eu me lembro como se fosse hoje... Ranchinho ela botou esteira de junco, ela prega os preguinhos e fez a janelinha com as esteira e a porta ela botou uma esteira assim comprida e pregou quatro prego dois em cima e dois em baixo pra fazer a porta. Fogão ela botô quatro tijolo e trouxe a chapinha dela, a chapinha do fogão e botou ali. Fez comida pra nós, trouxe a loucinha e nós ficamos ali... A cama, a gente dormia tudo no chão, botou a esteira de junco e a gente dormia tudo ali, aí depois o pai veio outro dia, o pai se mandou atrás dela chegou aqui. Veio de baterá a vela, aí chegou aqui, chegou bem ali na porta.

E ele assim:

"Aonde que tu veio batê!?".

Aí a mãe assim:

"Ó, se nós continuar morar aqui nós vamos adquirir alguma coisa, porque o camacho pra nós não tá dando."

Aí tá, ele gosto e ficô morando toda vida depois daquela vez, ficô trabalhando. A mãe era muito trabalhadeira mesmo, porque era difícil pra trabalhar igual a minha mãe, e a minha mãe trabalhou muito e minha mãe assim ó... Cortava junco fazia esteira de junco.

O que é junco?

Nilda: Aqui nessa fazenda ali tem muito, hoje se tivesse junco eu fazia esteira, que eu ainda sei ordi ela as cordinhas atear e sei trançar.

Ele é tipo bambu?

Nilda: É tipo um junquinho... É igual esse junquinho do campo, só que ele é mais fofinho minha mãe fazia naquela época e vendia muito, mas uma esteira naquela época era bastante dinheiro em vista de hoje, é mais caro ainda se fosse fazê uma esteira daquela, eu fui trabalhá esses dias na Galheta uma casa lá, fui limpá tinha esteira de piri.

Eu perguntei Senhor:

"Onde você comprou?"

"Pra cá dos Estados Unidos"

Ele disse.

Longe trouxe um caminhão veio arrumar as coisas dele ali como é, é decora a casa dele com esteira de Peri achei bonito.

Até eu disse assim:

"Eu sei fazê."

Ele: *"Não, não pode"*

"Eu sei faze desse aí... E de junco."

Até ele disse:

"Se tu fizer eu compro... Isso aqui custou muito caro". Ele disse.

Então, minha mãe fazia muito isso aí, minha mãe fazia e saía a vender, minha mãe tinha carroça, depois minha mãe já comprou uma carroça, o nome do nosso cavalo era Bigorrilho [risos], Bigorrilho. A mãe aí, a mãe comprô aquela carroça. Era mesmo... Hoje, era mesmo se fosse um carro.

Carro do ano, né?

Nilda: É... Quem tinha uma carroça naquela época, era mesmo se fosse o carro do ano... Era mesmo. Aí, a mãe comprô a carroça e o cavalo pra passear com nós... Olha que bom, né? Aí, nós ia passear, aí a mãe ia no camacho fazer compra ou ia na Santa Marta ou na passagem da Barra e vendia esteira, a mãe vendia esteira de junco e de taboa, aí minha mãe criava muita galinha, ela colhia muito ovo e vendia, nós não passava falta assim de coisa, nem fome não passava, porque minha mãe e meu pai era muito trabalhador. Então minha mãe assim ó, era difícil assim uma família fazer rancho pra dentro de casa, rancho de comida assim... E minha mãe fazia. Eu me lembro que sempre a mãe fazia, até tem a Dona Julia que mora ali, que morava, né? Hoje ela é falecida... Ela chegava na casa da minha mãe dizia assim:

"Ai, Comadre Laura! Que fartura na tua casa! Porque eu não faço rancho, o Jovino não me dá dinheiro pra mim fazer rancho e o seu Luiz dá."

E a mãe disse assim:

"Ah, Comadre! O seu Jovino não trabalha assim como o Luiz trabalha."

Porque o pai pescava de espinhel, traíra... meu pai tinha covê e o meu pai tinha rede, botava rede pra pegar as traíra, jundiá... Pegava, botava o espinhel pra pegar traíra e jundiá tudo pra vendê, então meu pai era muito trabalhador, e minha mãe também, né? Aí, a Dona Julia não fazia esteira e minha mãe fazia, né? Então minha mãe fazia esteira vendia pra Dona Ironina, que ela tem filho no Camacho, ela passava aqui e comprava as esteira da mulher do camacho, na Cigana eu não lembro se tinha mulher que fazia esteira de junco eu não me lembro, mas eu acho que ainda tinha não. Hum... Tinha a falecida Nitinha na Cigana, falecida Nitinha que vendia, que tinha, que fazia esteira e aqui a minha mãe, então aqui ela levava a carroça carregada Dona Ironina e levava pra Laguna e vendia pras aquela canoa que vinham de Ribeirão, Parobé, vinham daquelas banda traziam laranja, traziam farinha, traziam batata, traziam aipim, traziam tudo pra vender na Laguna.

E a Dona Ironina pegava daqui e levava as esteira e vendia pra eles lá, pra eles vendê para aquelas banda de lá, aí até uma vez nós fomos, nós tivemos lá em Tubarão na casa de uma parente que minha mãe foi levá um filho doente lá, eu me lembro que nós ia daqui de Laguna pra Tubarão nós ia de trem, aí trem era um de frente pro outro um sentado lá e outro sentado daqui pra lá. Aí tinha um homem que vendia agulheiro e vendia esteira... Aí, eu disse assim:

"Ô, mãe! O homem vendendo a esteira da senhora [risos]"

A mãe assim:

"Fica quieta rapariga, tá!?"

Vendo, aí eu assim:

"É... ele tá vendendo suas esteira. Tem que fazer mais, porque ele vende bastante."

E tudo comprava as esteira dele daquilo ali, viajava gente rica de tubarão que vinha na Laguna e aquele pessoal rico de Tubarão vinha muito na Laguna fazer compra ali na Laguna pra leva pra Tubarão, aí que eu com ciúme das esteiras que o homem tava vendendo [risos].

A mãe:

"Cala a boca! Não pode falar!"

Aí, eu assim:

"Aí... tão vendendo suas esteiras tudo" [risos]

Era assim... Era bom, né? A gente pensava que era ruim naquela época, mas era bom, né? Hoje se fosse pra volta, não pra mim, assim... Ganhar os filhos de volta e te aquele trabalho todo, não. Mas se fosse pra mim viver fazendo esteira com a minha mãe, cortando junco, tirando lenha no mato, pescando com meu pai, queria que voltasse outra vez, porque eu achava muito bom era muito bom... Nós dormia na praia com meu pai, nós ia lá, o pai ia pescá, o pai pescava espinhel, tanto esse espinhel aqui na lagoa para traíra e esses peixe de água doce e pescava na praia, peixe da água salgada; daí o pai pegava papa-terra, né? Já vinha viola, já vinha linguado, já vinha tudo naquele espinhel, aí nós ia cada dia tinha que ir uma na praia com o pai, aí ajuntar tatuirinha, aí a gente pegava as tatuirinha tirava aquela casquinha de cima e dava pro pai pro pai isca o espinhel, aí o pai ia soltando e ia saindo no mar, né? Aí, então a gente tirava aquilo ali e dava então o pai. O pai fumava muito.

Era palherinho?

Nilda: Palherinho... Aí o pai fumava, e o pai não tinha fósforo, né? Aí o mar trazia baita pau de lenha assim, bem grosso, e nós achava assim, ai o pai fazia a gente ajuntar bastante lenha pra fazer fogo queimava o dia inteirinho ali [risos] cada vez que o

pai queria acende o cigarro o pai ia naquele [risos] fogo ali, né?

E o pai, nós tinha uma barraquinha, o pai fazia uma barraquinha, nós ficava ali... Nós dormia ali... frio, frio, frio.

Na Beira do mar?

Nilda: Na beira do mar assim mais, assim, mais assim longe... Nós dormíamos ali de noite, aí o pai nós vamos dormir aqui hoje, vamos, né? Porque o pai pescava, o pai botava a rede pra pega a tainha que era aquela redinha de calão e botava o espinhel e nós vamos dormir, e nós dormia lá.

Isso lá no Camacho?

Nilda: Aqui. Nesta praia aqui, nós já morava aqui, e o pai já pescava aqui e nós ia um dia ai cada dia tinha que ir uma levá o café pro pai, a gente levava para aquele que ficava lá pro pai e pra minha irmã, se não no outro dia a minha irmã levava pra mim e pro pai cada dia nós ia, cada dia ficava com a mãe que a mãe tinha muita pensão de deixar o pai sozinho, aí nós ia então um dia a minha irmã fico lá com o pai e a mãe tinha feito rancho um dia antes, rancho de compra assim de comida, aí minha mãe se alevantou de manhã e fez bastante bolinho assim bem redondinho, que minha mãe fazia muito uns bolinhos crescia, e ficava muito gostoso o bolinho, até a Dona Julia dizia que era sonho.

"A comadre Laura sabe fazer um sonho muito bem feito. " Ela dizia.

Aí a minha mãe pego e fez naquela vez não tinha garrafa, quem tivesse garrafa térmica era rico que não existia garrafa térmica, né? Aí, era tinha que levar o café na chalerinha penduradinho, chaleirinha bem correndo pra chegar lá quente, ainda.

Aí a mãe pegou e disse:

"Nilda! Vai levar café pro teu pai e pra Glória."

Daí eu peguei , corre , corre, corre, corre, corre, corre, corre bem ligeiro passava dentro d'água tudo e ia que tinha lagoa d'água que chovia, né? Criava aquelas lagoas cheguei lá nos combros achei uma lagartixa.

Ai, meu Deus! [risos]

Nilda: E aquela lagartixa branquinha corria assim ó, e corria lá, e ia lá no meio junto e corria e eu com a garrafa com a chaleira de café ia botando em cima dela.

Quando coisei eu disse:

"Ai, meu Deus! O café do pai... Derramei tudo em cima da lagartixa [risos] o pai vai me matá"

Aí eu peguei voltei, aí disse:

"Meu Deus! Mais sou abrigada a leva esse pouquinho mesmo!"

Tinha só pouquinho.

"Ah! Dá uma xicrinha pro pai dá"

Cheguei lá bem ligeiro. O pai disse assim:

"Que tanto tempo que tu demoro, gurial!? Que é isso?"

"A mãe se acordo-se tarde." Ai, que pecado... "A mãe se acordo-se tarde e o café que ela mandou, ela mandou bem pouquinho porque não tem pó." [risos]

"Mas tua mãe fez rancho ontem."

"Ah! Não sei... Ela disse que não tem pó."

Mentira... Eu que tinha botado em cima da lagartixa! [risos] Aí, o pai assim:

"Isso não tá bem contado."

Quando chegou de noite, tardinha, a mãe foi lá busca o peixe, aí:

"Pra dizer pra tua mãe cела o cavalo e vim busca o peixe"

Aí, o pai tinha pegado muito peixe ai a mãe foi lá busca. Aí, o pai disse:

"Ô, Laura! Tu mandasse tão pouquinho café."

A mãe disse assim:

"Ô, Maneca! Eu mandei a chaleira cheia. Não foi bem pouquinho café."

Aí, eu cheguei aqui, bem quietinha, desconfiada "a mãe vai me da uma sova" aí, cheguei aqui e não quis contá nada, cheguei de noite pra não apanhá a sova da mãe. O pai não sovava, a mãe nos sovava. Eu, a mãe dava muito, toda vida eu... A que mais apanhava na minha casa [risos] porque eu era muito arteira, então a mãe dava mais em mim do que nos outros meus irmão, toda vida, toda vida eu que apanhava mais, mas mesmo assim merecia, né? Porque se não merecesse ela não sovava, né?

É...

Hoje não se bate mais em ninguém, nem em filho, mas naquela época se a mãe não sovasse nós às vezes a gente, né? Não tinha dado nada da vida, né? Então, porque nós apanhava, a mãe puxava mesmo quando merecia, então, né? Casamos tudo, graças a Deus, fomos bem ensinados... Bem educada, né? Não tivemos tanto estudo mas estudamos, nós estudamos na Santa Marta, depois quando na Santa Marta depois nós estudamos no Farol, porque quando passe assim era primeiro ano ali nós estudava, né? Na Santa Marta, depois de estuda ali ai nós passava pro segundo ano tinha que ir pro farol tudo de a pé.

Eu ia perguntar isso agora, como vocês iam pra lá?

Nilda: De a pé na Santa Marta, a gente ia pela estrada a estrada muito ruim, né? Quem dera que hoje fosse assim, né? Aí, muito do ruim, muito do ruim, muito do ruim... Tudo emborcada chuva nós não tinha sombrinha, não tinha nada, mais nos ia pra escola na Santa Marta quem dava aula pra nos era Dona Nenê, da Carniça... Dona Nenê, viu? Que dava aula pra nós, numa escolinha na Santa Marta depois aí, a gente passava de ano, aí tinha que estuda no Farol ou então na Cigana, mas nós achava mais longe na Cigana aí, então.

Por que vocês iam pelo morro?

Nilda: Pelo morro aqui, pelo combro de areia, aí nós achava mais fácil no Farol, aí então a mãe nos matriculou no Farol, aí nós ia... Ia eu, a minha irmã: a mana a Gloria; ali do seu Jovino ia o Dico e o Plínio que eu me lembro de que ia os dois lá com nós, aí depois quando nós saímos o Claído entrou, aí nós ia o pai ia leva nós, cada dia tinha que leva um lá no morro, às vezes o seu Jovino levava nós que é o pai do outros menino e a vez o pai que levava... Mais era o pai que levava nós.

Então nós ia de a pé aqui pelo morro nós tudo, de pé no chão sandália de dedo, que aquela vez não existia tênis; então nós ia tudo de sandália de dedo botava a sandália na mão, né? Era a sainha, né? Não era bermuda, era sainha de primeiro, e a gente roupa quase não tinha, a gente era bem mal vestida, né? Porque hoje tem muita roupa e a gente até da pros outros, tem demais como diz os outros, né? Quando a gente vai no guarda roupa da gente, né? Ai, vou tirar essa vou dá, né? Mas naquela época não tinha, né? Então era assim, ó: a gente tinha que usa a semana toda, sábado minha mãe lavava pra nós ir pra escola na segunda, né? Não tinha secadora, não tinha máquina, não tinha nada... Hoje tem tudo, né? Então nós era um trabalho pra secá nossa roupa até, aí nós ia de pé no chão... Descalçava a sandália pra não gasta a sandália [risos] Então nós atravessava aqui, nós ia até lá no morro lá na subida do morro ali, tu já fosse naquela praia? Já nessa nossa aqui, já tivesse aqui? Aí, nós ia naquela subida ali aquelas ponte antiga ali, né? Você já viu?

Qual praia?

Nilda: Essa nossa aqui, na praia grande aqui!

A praia grande onde pescam? Onde estão pescando agora?

Nilda: Não, não.

Antes do ilhote?

Nilda: Não... A nossa aqui ó.

Não... Essa aqui não.

Nilda: Não?

Não...

Nilda: Vem àquela subida que tem aquela ponte bonita... Tem umas ponte ali, já visse? As ponte antiga tem bastante ali, ó, ali diz que se escondia bastante velho assim, né? Esses andarilho, aí o pai levava nós, quando ali nós chegava, ali nós subia o morro. Aí o pai ficava perto do pico do morro até nós subi, aí nós subia ia pra escola, mas a volta morta de fome... Nós, quase morta de fome nós saía da escola, naquela época não tinha merenda... Hoje tem, né? Naquela época não tinha, às vezes a mãe fazia bolinho pra nós leva, a mãe fazia broa, a mãe botava nas bolsinha e nós leva. Quando não dava tempo não levava, aí nós vinha morto de fome, a escola arriava meio dia em ponto e nós vinha, minha filha, de a pé de lá da escola, é lá onde que é hoje ainda.

Ainda é lá, né?

Nilda: É. Então aí nós era de madeira aquela época né, ia nós vinha de lá vinha e descia ali quando chegava sempre tinha uns velho uns dois velho ali um dia nós ganhamos um corredão quase morremos voltemos de volta pra pro Farol, e nós não tinha telefone nada pra avisa pra mãe que nós tava no Farol né ai nós ficava, ficava ai tinha um parente lá no Farol primo Dino, e nós dizia:

"Primo Dino! Vai passa nós, nós temo medo!"

E aí o primo Dino vinha e passava nós, hoje já é falecido, é sobrinho do meu pai. Aí, ele passava nós ali, chegava ali tinha uns velho com pelego nas costa e deitado em cima de uma pedra. Que medo! Outra vez nós ganhava corredão da Luiza Louquinha aquela lá, Luizinha da Passagens da Barra, ela dava corredão em nós... Tinha um medo quando via aquela Luizinha.

Eu me lembro dela...

Nilda: Vê ela é do tempo quando nós éramos pequenas. Nós tínhamos um medo quando tinha a Luizinha Louca... Nós chamava Luizinha Louca, aí nós não vinha o primo Dino que trazia nós passava trabalhando quando nós ia estuda, quando chegou uma época nós não queria mais estuda lá. Aí, nós falamos pra mãe:

"Mãe, nós não vai estuda mais no Farol, é muito ruim pra nós ir... Ainda por água toda vida"

A mãe disse:

"Mas pra cigana é mais longe, como é que vou deixar vocês com esses andarilhos?"

Mas nós ia não deixava nós ir. Aí o pai assim:

"Vamos botá na Cigana!"

Aí, nós ia pra Cigana todo dia, todo dia, todo dia de a pé... Mas era melhor, porque sempre a gente encontrava assim no carro, aí a gente achava assim ó... Que engraçado! Caminhão diferente, daqueles bem antigos, daqueles bem feio [risos]; aí tinha ônibus, vinha uma linha de ônibus que vinha, só que não dava pra ir pra escola com aquele ônibus, porque já vinha tarde pra lá, ele vinha da Laguna pra Criciúma, mas ele mais ele vinha as dez hora; onze horas que ele vinha, voltava, vinha na Laguna e da Laguna só vinha os quatro hora e já vinha embora, era só duas linha de ônibus. Os ônibus bicudo, um bico assim bem feio, até meio parecido com esse ônibus amarelo ali da escola... Meio parecido, meio amarelo também, muito feio só que nós não podia pega, não dava, né? Nem dinheiro da passagem a gente não tinha mesmo, assim nós era hora da gente ia pra escola, aí a gente ia de a pé e voltava.

Quando começou ter ônibus aqui? Que passaria por aqui? Ou desde sempre teve?

Nilda: Ai, eu acho foi em... Eu acho que foi em 65, 65 ou 68.

Que daí começou vir ônibus aqui?

Nilda: Foi acho que foi 1968 começou vim, eu me lembro de que vinham uns faroleiros como é? Eu não sei bem fala... Faroleiro, que vinha lá de cima Farol, que trabalha lá em cima do Farol, que eles vinha pega o ônibus aqui, eles vinha pega o ônibus na casa do Seu Jovino; eles parava ali no seu Jovino, no Seu Maurício, no Seu Virgílio... Uns homens aqui trabalhava lá em cima do Farol, eles vinha de longe esses home, né? Trabalhava lá em cima do Farol, então eu me lembro dele, falava pra Dona Julia que hora que passava o ônibus, e a Dona Julia falava a hora, eles vinham de carroça de lá do Farol deixava o cavalo ali no Seu Jovino. Seu Jovino desencilhava pra eles era tudo bem de vida assim, né? E as esposa deles dali, eles iam pra Laguna pra faze compra, ia lá pra capitania de ônibus e depois eles chegavam selavam o cavalo e enfrentavam aquele morro com a carroça e o cavalo foi em 1968 por aí que eu me lembro que tinha aqueles ônibus.

É... Eu ainda me lembro de quando a Dona Nenê escreveu no caderno ali, a gente devia ter guardado o caderno, né? Que a Dona Nenê escreveu no caderno, ó, agora a gente já temo ônibus, agora já temo uma condição boa de ter um ônibus pouco tempo, né? Daí sempre tinha aquele ônibus assim, né? Depois é que começou aparecer os outros, mas a cabo de muitos anos, né? Aí, todo mundo tinha carroça cavalo, né? Nós ia passear de carroça de cavalo; o cavalo da mãe caiu um tombo lá na Cigana, quase morreu [risos] partiu as corriana do cavalo e caiu, caiu assim, no chão. A mãe: "Não se assuste, que não aconteceu nada."

Que trabalho que a gente passava, né? Nós tudo era bom, né? Hoje quer uma carroça um cavalo não tem, né?

É verdade...

Nilda: Né? Hoje a gente que passear, né? Um dia, não sei aonde que eu fui, pra banda de Tubarão, até tinha um carro de boi... Eu pedi pro homem dá uma voltinha, né? Que saudade daquele tempo, pra gente que viveu, né? Aí um carro de boi que é bom.

A minha neta, né?

"Ô, Vó! Tu gosta?!"

"Gosto! Vamos anda?"

"É boizinho do vô" da minha neta da filha lá de Tubarão

E o avô dela tem esses carros de boi, assim é bom, né? Então assim, aí dá saudade,

"Taís, a gente andava de carroça"

"Tu andava vó?"

"Andava de carroça e era bom!"

Agora não tem mais, né? Mas era bom.

Quando vocês iam pra Laguna vocês atravessavam a balsa?

Nilda: Naquela época atravessava.

Já tinha balsa?!

Nilda: Era uma balsinha bem pequenininha de madeira.

E era como essa que existe hoje?

Nilda: Não.

Era como a balsa?

Nilda: A balsa era tocada, era um botinho bem pequenininho, que ia empurrando, mas era de remo.

Era mais perigoso então?

Nilda: Sim, o Antunico, ele até tinha, ele fazia, ele tinha aquele um carro, uma, como é o nome daquela caminhoneta que era de madeira?

Caminhoneta de madeira?

Nilda: Caminhoneta de madeira que tinha uma manivela, pra tocar ela era com uma manivela na frente, ele saltavam com a túnica que às vezes pagavam ele pra trazer o pessoal.

E ele fazia corrida, tinha a balsa e fazia corrida aquele, com aquela... Com aquelas caminhoneta, eu não sei, era caminhoneta antiga era janela de madeira, era bem antiga, era sarrafiadinha, sarrafinho desses de casa.

E aí saltavam da caminhoneta e ia lá e fazia assim tinha uma manivela igual toca um bote manivela assim, daí ela pegava e a gente embarcava.

Manivela pra ligar o bote? Ligar ali o motor?

Nilda: O motor da caminhoneta, só que era na frente, né? O cara puxava a manivela assim pra pegar, que chique, né? [risos]

Se fosse assim hoje, né? Mas ainda tem, onde tem uma caminhoneta dessa é lá na sanga daria de Araranguá, lá no posto Zenão da estrada tem uma caminhoneta dessa, uma vez eu passei lá e falei "Ó, a caminhoneta do seu Antunico!", é assim a gente passava a balsa, a balsa bem pequenininha, não era essas balsas grandes, a gente atravessava pra lá, e quando não atravessavam assim a gente com um, tinha um botinho, um rebocadorzinho passava a gente.

Seu Antunico passava, mas a gente ia até a Laguna, lá pro hospital, a gente tava doente era obrigado a ir, a minha mãe e os filhos doentes, às vezes botava os filhos nas costas ia daqui até a Laguna de pé. Eu tinha um irmão, o Nelo, ali na Lúcia, ele chiava muito, uma chia tão forte, tão forte... Daí a mãe falava assim:

"Luiz! Nós temos que ir cedo porque ele pode não amanhecer, porque a chia é muito forte!"

Daí meu pai ia, a minha mãe arrumava uma bolsinha com as roupinhas dele e saia meu pai e minha mãe a pé pra Laguna, porque não tinha condição, né? Aí minha mãe levava um pouco, meu pai levava outro, aí chegava lá passava a balsa, Seu Antunico atravessava e a mãe chegava lá e ficava na casa dos parentes, né? Internavam ele, Doutor Miranda, hoje não tem mais o Doutor Miranda, mas o Doutor Mirando era um médico bom pra atender as pessoas, daí ele internava e depois de três quatro dias a mãe

tava de volta com ele. A mãe ficava lá cuidando dele e o pai vinha embora de a pé, naquela época. A mãe diz... A mãe falou uma vez que eu dei uma dor muito do grande, daí a mãe disse assim:

"Ô, Nilda! A gente pensava que tu nunca mais vivia, tua boca arrouchou toda com a dor e eu não tinha mais o que fazer de chá!"

A mãe disse, e a mãe pegou e disse pro pai assim:

"Vamos da um jeito e vamos levar!"

Aí o pai pegou e me botou nas costas, a mãe disse que o pai botou eu... Eu tinha uns sete anos, e eu fui pra Laguna, a mãe me levou, chegou lá fiquei internada bastante dias, vê como que pode, né?

E caminhar até lá, né?

Nilda: Caminhar, chegar lá, internar... A sorte que tinha os médicos, porque a mãe disse que naquela época o Doutor Miranda era muito bom, a mãe disse que só chegava ele já ia internar. Doutor Miranda, Doutor Paulo... Era muito bom, né? Doutor Paulo Carneiro... é isso!

A senhora sempre morou nessa casa?

Nilda: Não, minha casa era uma casinha de madeira.

Mas sempre foi aqui no Canto?

Nilda: Toda vida foi nesse terreno aqui, quando eu era pequena morava ali com a minha mãe, depois vim pra cá e morei aqui toda vida. Faz 14 anos que eu fiz essa casa era uma casinha de madeira, eu morava aqui.

Agora é tudo de alvenaria?

Nilda: É, chega do cupim comer, né? Mas ainda come a armação da casa, já troquei duas vezes, mas come, né? Bicho malvado que vem, mas a gente sempre morou aqui.

A senhora já pensou em mudar de bairro?

Nilda: Já, eu já pensei em ir embora daqui, mas daí a gente tem pena dos filhos, né? E os filhos não aceitam eu sair daqui.

E porque a senhora queria ir embora?

Nilda: Eu queria ir embora porque eu sozinha, né? Aí, eu queria assim achar outro lugar parece, assim, que ia viver melhor. Daí depois os meus filhos me deram muito conselho pra mim não ir, daí

eu tenho muita pena dessa minha filha que mora aqui do meu lado, né?

A senhora tem uma filha aqui?

Nilda: Tenho... A Laura e o Gustavo. Aí eu tenho muita pena de sair daqui deixar ela, aí eu queria até esses tempos, eu disse se eu me aposentar eu vou pagar um aluguel de casa pra mim e vou embora, daí falei pra ela e pros meus filhos daí eles falaram: *"A senhora custou se aposentar e ainda a senhora vai pagar aluguel de casa? Não... Fica aqui!"*

A senhora trabalha na pesca mesmo?

Nilda: Trabalhei toda vida, desde pequenininha.

Agora está aposentada?

Nilda: Agora me aposentei da pesca, graças à Deus, pensava que custava muito pra se aposenta, mas foi tão fácil tenho os documentos certinhos, tudo direitinho, a gente pagou tudo direitinho nunca fiquei um ano sem pagar, toda vida pagava, nunca trabalhei em outro serviço sem ser a pesca, nunca trabalhei de carteira assinada, toda vida trabalhando na pesca e pagando. Não tenho nada, até o dia que fui me aposentar cheguei lá eles pegaram minha profissional e disseram:

"Dona Nilda! A senhora não trabalhou nem um dia de carteira assinada?"

Eu disse:

"Não! Eu só vivia era na pesca, trabalhando nisso aí"

E também na época não tinha muita...

Nilda: Não tinha, né? E eu não gostava de trabalhar de empregada, não gostava de trabalhar na casa dos outros muito menos, né? Porque nunca gostei, gostei mesmo de trabalhar aqui, às vezes descascava camarão pro meu irmão ali, trabalhei muito na descascção de camarão pro meu irmão, pra nós, nós também descascávamos... Siri foi o que eu mais descasquei, a primeira descascadeira de siri do Brasil inteiro foi minha mãe.

Foi?

Nilda: Ninguém sabia descascar um siri, a minha mãe foi a primeira mulher a descascar carne de siri, primeira carne de siri... Ninguém. Se alguém dizer que descascou primeiro, é

mentira! Quem descascou primeiro, que inventou a carne de siri foi minha mãe. Uma vez o meu pai ele pescava aí ele pegou muito siri na rede e naquela época não comprava siri.

Jogava tudo fora, né?

Nilda: Tudo fora, tudo fora... Aí, a minha mãe pegou disse assim, isso faz muitos anos nós era moça, né? Nós nem era casada, aí a minha mãe disse assim:

"Ô, Luiz! Não vamos botar esse siri fora... Vamos cozinhar e descascar."

Aí, o pai assim:

"Como tu vai tirar a carne desse siri?"

Daí a mãe disse:

"Não! Eu tiro assim como nós tiramos pra nós comer, eu tiro pra descascar."

E a minha mãe pegou um tacho e cozinhou tudo, minha mãe tinha um bom fogão dela, porque ela toda vida teve fogão à lenha e ela que fazia o fogão a lenha dela, e ela fazia não pagava ninguém pra fazer, o fogão dela e ela fazia e eu puxei minha mãe, porque também... Eu também tenho o meu ali dentro que foi eu que fiz.

Então a minha mãe pegou e cozinhou, né? Cozinhava siri, e o pai dizia:

"Se isso vai dá jeito pra descascar esse siri? Isso não vai dá nada de carne!"

"Não! Eu vou tirar"

E a minha mãe pegou e descascou, nós ajudava a mãe abrir o siri, a limpar tudo e a mãe sentou descarnou uma baciada de carne, aí Doutor Boabaid, já ouviu fala do doutor Boabaid, de Tubarão?

Não...

Nilda: É o dono daquela fazenda ali que hoje tiram casca... Aquilo ali era uma fazenda muito bonita, o tempo aqui atrás, uns vinte anos aqui atrás, aquela fazenda ali era muito linda, uns vinte, vinte e cinco anos, até uns trinta anos atrás... Ela era muito linda as fazenda dali tinha muita coisa ali, aí nós sempre ia lá ajudar a mulher trabalha, lavar a roupa com ela, fazer as coisinhas com ela, porque ela vinha muito aqui na mãe, aí ela pedia pra nós ajudar, nós era agregado do Doutor Boabaid, aí o Doutro Boabaid conhecia muito o pai e a mãe. Dona Nice, Doutor Boabaid vinham muito aqui na mãe. Aí eles traziam muito remédio pra nós, quando nós estávamos doentes, eles que traziam o remédio, eles traziam remédio pra mãe, eles que traziam muita roupa pra nós: a Dona Nice e Doutor Boabaid, naquela época. Aí, a mãe pegou e disse:

"Ô, Dona Nice!"

Eles sempre vinham sexta-feira de noite, de tardinha eles vinham, eles tinha casa na praia da Tereza, que hoje ainda tem casa lá, eles são falecidos mais os filhos ficaram. Aí, a mãe assim:

"Ô, Dona Nice! Eu tirei uns negócios que a senhora vai gostar."

Aí ela assim:

"O que foi?"

Daí a mãe disse:

"Carne de siri"

e ela disse

"Dona Laura, nunca ouvi fala em carne de siri..."

A mãe disse:

"Dona Nice, vem cá!"

Doutor Boabaid tinha uma paciência, ele era medico, né? Aí, ele saltava e a Dona Nice disse:

"Boabaid, vem cá ver o que a dona Laura fez pra nós!"

Aí, a mãe tem aquela bacia tudo bem limpinha, a mãe mostrou e ele disse:

"Dona Laura, quanto a senhora vendo o quilo?"

A mãe disse:

"Não senhor, Doutor! Eu tirei pra vocês."

Aí ele disse:

"Não! A senhora pode pesar que nós vamos pagar!"

Aí a mãe disse:

"Não... Eu tirei pra vocês!"

Aí, a mãe lavou, botou um saquinho e ele levou, nós esperava ele na sexta feira pra ele vim e nós dizia:

"Ó, hoje, sexta e sábado e domingo vai ser gordo pra nós"

Quando ele vinha, porque eles traziam bastante pão lá de Tubarão, traziam uns pães muito gostoso das padarias naquela época, né? Naquela época um pãozinho era coisa melhor que tinha, né? Aí trazia aqueles pães muito gostoso pra nós, trazia com bastante amor, o Doutor Boabaid trazia, Dona Nice trazia: os pães, trazia leite... Naquela época era leite empacotadinho, trazia sempre margarina, nunca faltava...Trazia o pão, a margarina e trazia leite. E a mãe dava tudo quanto era peixe bom, o peixe melhor que o pai pegava o pai já falava é do Doutor Boabaid.

Já guardava pra ele?

Nilda: Já... O pai já guardava pra ele, aí, quando eles chegavam, a mãe dizia:

"Ô, Dona Nice! Tem Linguado que o Luiz deixou pra senhora, tainha..."

ela dizia:

"Aí, Dona Laura! Faz preço."

A mãe:

"Não!"

A japona melhor eles trazia pro pai, o pai andava muito bem vestido, o cigarro melhor eles traziam pro pai... Ele era médico e trazia cigarro pro pai, não era nem pra trazer, trazia porque o pai fumava, de certo tinha pena, porque o pai pescava e tinha que ter uma coisa pra se alegrar, né? Aí trazia cigarro... Nunca me esqueço, Continental, aqueles cigarros Continental, eu aprendi a fumar, eu roubava do pai, que não era pra fazer, né? Mas eu sempre roubava um cigarrinho do pai, fumei trinta anos, minha filha! Joguei minha saúde fora, né? Mas também não sou doente, tenho bastante saúde, graças à Deus!

Que bom!

Nilda: Eu sempre carregava um cigarrinho do pai e o pai dizia assim:

"Os cigarrinhos tão desaparecendo..."

Aí, eu:

"Pai, quem será? O senhor tá fumando demais, homem!"

Era eu que pegava. Aí, então ele trazia tanta coisa pra nós, daí a mãe dava aqueles peixes bom, né? Pra Dona Nice, toda vida, aí depois foi surgindo, foi surgindo, foi surgindo e já apareceu, depois nós já casamos, veio a luz, que já foi uma coisa boa que veio pra nós.

Então, naquela época que vocês moravam aqui, não tinha luz?

Nilda: Não... A nossa luz era luz de querosene, era uma latinha assim. Tu viu alguma vez a latinha?

Já vi...

Nilda: Mas latinha, assim, eles enrolam outra latinha furam ali no meio já viu?

Já.

Nilda: Aí, botam um negócio enroladinho no dedo assim, no buraquinho, aí, enfiam um pedacinho de uma camiseta velha de uma coisa pra fazer o... Ai! Esqueci o nome daquilo... Aí botavam na querosene; aí, acendiam ali chupava o querosene e iluminava a casa toda. Meu pai fazia rede com aquele luzinha, meu pai fazia tarrafa de noite quando ele não pescava a mesa era tudo pregada de prego, botava prego aqui, outro... E aí, botava a tarrafa aqui

ou a rede e ia fazendo e a luzinha ali, aí fazendo e não deixava uma malha pegada.

E, a senhora sabe fazer também?

Nilda: Sei... Rede, tarrafa... Sei. Faz pouco tempo fiz uma tarrafa, meu neto tem a tarrafa dele, tá lá na casa do Seu Geraldo na passagem da barra e meu pai fazia com a luz de querosene... Vê, né? Hoje faltou a luz a gente não faz... Deus o livre! A gente acende uma vela e ninguém faz mais nada dentro de casa.

Verdade...

Nilda: E o meu pai fazia... A minha mãe fazia rede, fazia esteira de junco. Fazia esteira de junco e meu pai fazia a rede.

Na época vocês pescavam camarão?

Nilda: Naquela época pescava peixe, depois é que surgiu, abriu a barra do camacho em 74, que aí apareceu o camarão, porque antes não tinha camarão na nossa lagoa, nossa lagoa apareceu o camarão em 74, que apareceu o camarão. Antes de 74, antes da enchente, o pai deu umas tarrafadas e daí pegou uns camarão, aí depois abriu a barra do camacho e começou a aparecer o camarão. Ah! Já começou a vim as mordomia, que daí já começaram a tem as rede de aviãozinho, a primeira pessoa a fazer rede de aviãozinho pra pesca aqui no nosso lugar foi o seu Manoel Mendonça, da Cigana.

Conheço.

Nilda: Conhece seu Manoel Mendonça? Hoje já é falecido, mas tem os filhos deles: tem o Gilson, Gelson e o Zé Paulo, que tem os barcos. O primeiro homem a fazer a rede de aviãozinho pra nossa lagoa, ele fez botou aqui, porque ele morava aqui há muitos anos, né? Aí, são moradores daqui, depois eu sei que ele fez quatro ou cinco redinha e botou aqui. O pai viu... Ele mostrou pro pai, ele ensinou o pai a fazer. Aí, ele e o pai fizeram, eu sei que o pai também fez e ele fez, aí, eles pescavam aqui na lagoa e começaram a pegar camarão, daí, aquele povo começaram a ver e dali começaram todos eles a fazer.

É o mesmo tipo de aviãozinho que existe hoje?

Nilda: O mesmo tipo... A mesma coisa, não tem diferença.

Mas antigamente era com liquinho ou já era a bateria?

Nilda: Não, era liquinho. Agora, depois é que veio com as baterias, naquela época era com liquinho. E pescava o camarão com tarrafa, com esse facho de querosene, botavam dentro de uma lata, botava o facho dentro de uma lata, e aí clareava; e eles tarrafeavam ali, era assim... Depois é que veio os liquinho, mas demorou muito pra vim, porque a nossa casa era instalada, a casa do meu pai era instalada botava um liquinho, um bujão ali, um senhor veio e fez a instalação da casa nossa toda com o gás, com gás a nossa casa, a casa que foi instalada que teve luz primeiro foi a nossa o meu pai mando, falou com um homem de Tubarão e ele veio instalar o bujão de gás. Aí, tinha assim um negócio com ferro assim uma lâmpada grandona que iluminava a casa toda, aí depois dali é que foi vindo, dai a cooperativa botou luz, naquela época a cooperativa botou luz... Já foi o que? Faz uns... A Sonia tem 35, 34 anos... Faz uns 34 anos que nós temos luz aqui. É porque quando nós chegamos aqui não tinha, aí veio a cooperativa, a primeira pessoa que a fazer um abaixo assinado aqui foi meu marido: o Ivo, que fez abaixo assinado pra cooperativa botar luz aqui. Ele andava com umas folhas na mão da passagem da Barra, Ponta da Barra pra cá tudo, aí andava assinando, cada um tinha umas folhas pra assinar. Foi, fizeram uma reunião pra cooperativa botar luz, eu ainda tenho as folhas da cooperativa ali... tive olhando esses dias, dá de fazer um colchão, um saco, eu assim que pouco saco da cooperativa, olha aí um saco cheio de folha da cooperativa, daquela época da cooperativa, depois fizeram reunião e tudo e passaram pra Celesc, né? Mas a primeira luz que veio foi da cooperativa, hoje ainda tem no camacho cooperativa, né?

Sim... Tem. É a mesma cooperativa.

Nilda: A mesma. Aí foi assim, mas a primeira descascadeira de siri foi a minha mãe. Depois começaram a inventar, inventar e cada uma descascava, né? Mas a mãe ainda era viva, faz só dois anos que ela é falecida, ainda esses tempos tava conversando eu e ela, e ela assim:

"É... *Quem é que diz que a primeira pessoa a descascar siri foi eu?*"

Ainda, eu disse:

"Pois é..."

Ela assim:

"É... *Agora todo mundo faz dinheiro... Coisa boa!*"

É, e ela era muito trabalhadeira minha mãe.

A senhora tinha barco na época?

Nilda: Era bateira, né? De pesca, a gente desses botes não tinha, quem tinha era meu pai, meu pai tinha... Meu pai teve lanchinha, meu pai teve canoa, meu pai teve bateira, quando ele faleceu deixou uma lancha pros rapazes. O Zé ficou com a lancha dele e ele deixou um botinho e deixou a bateira e o meu marido deixou uma bateira, cinco estrela é o nome da bateira. Hoje já destruiu... acabou. Já faz muito tempo, né? Que ele é falecido.

Quando a senhora morava aqui ou veio pra cá, como a senhora conheceu seu marido?

Nilda: Como eu conheci?

É.

Nilda: Eu conheci meu marido... Ele era meu primo.

Teu primo?

Nilda: Meu marido era meu primo, eu tenho uma filha, duas filhas do primeiro casamento. Eu sou casada mesmo e meu marido é vivo, mora lá na Laguna... Eu sou divorciada dele. Tenho duas filhas: a Norma, que é o nome da mãe dele, a minha filha; e tenho a minha filha, a mais velha, a Laura, que é o nome da minha mãe. Aí, depois eu me casei, aí me separei, porque ele bebia muito, muito, muito... Ele não trabalhava, ele só bebia. Aí, eu peguei convidei ele pra ir embora pra Criciúma, aí eu fui embora pra Criciúma... Cheguei lá, pra ver se ele melhorava, pra ver se ele pegava um serviço, ele tinha a mente muito boa, ele trabalhou numa... Nesses negócios de solda ferro, não sei como fala, e ele trabalhava... Ai! Como é?! Esqueci o nome. E ele trabalhou lá muito tempo, ele ganhava até bem, mas o dinheiro que ele fazia não chegava em casa. O dinheiro, ele jogava tudo fora na cachaça, aí eu peguei ganhei um menino e o menino faleceu lá, meu menino. Aí eu disse se eu ganhasse o menino eu não vivia mais com ele aí eu ia deixa dele, aí eu ganhei o menino morto, aí eu peguei no mesmo dia, só sai do hospital e disse pra ele:

"Vou embora! Não quero mais viver contigo!"

Aí, ele disse:

"Por quê!?"

Aí, eu disse:

"Porque não! Não adianta, né!? Nós tá vivendo nós dois desse jeito... tu bebendo toda vida!"

Aí eu mandei ele escolher eu ou a bebida, aí ele disse:

"Eu escolho a bebida!"

Aí eu disse:

"Então tu fica aí!"

Eu vim embora com as duas no ônibus, três sacos dentro do ônibus. Três sacos, daquela vez não existia mala, né? A gente era muito pobre também não tinha, né? Daí nós viemos de ônibus, eu vim pensando que ele ia ficar e ele veio atrás de mim de ônibus, chegou lá ele saltou na outra entrada do farol e foi embora e eu vim embora pra cá, aí cheguei aqui na casa da mãe, a mãe não ligou, disse:

"Olha, vai fazer a tua vida... Porque isso não é vida! Ficar vivendo com uma pessoa que bebe desse jeito."

Aí, comecei a trabalhar, aí eu ia pras pedras pegava uma lata, ia lá pegar marisco lá no costão, às vezes até ia sozinha lá naquele costão pegar marisco. Descascava o dia inteirinho, descascava marisco, fazia as comidas com a mãe e vendia. Cria elas, aí fiquei 3 anos, 2 anos e pouco sozinha, aí veio esse meu primo de Araranguá, Seu Ivo e eu tinha 19 anos e ele tinha eu acho que era 49.

Então, do seu primeiro casamento, casou-se muito nova?

Nilda: Eu casei com 15 anos... com 15 anos. Eu já tenho uma filha com 40 anos e eu tenho 55. Aí eu peguei, aí tá, daí apareceu esse senhor. Aí a minha mãe disse assim:

"Ô, Nilda! Vou te perguntar uma coisa pra ti... Tu conhece... Acho que tu já viu o Ivo que é nosso primo?"

Eu disse:

"Ô, mãe! Eu vi ele em Criciúma, quando eu morava lá. Ele até teve em casa do irmão dele e eu pagava aluguel pro irmão dele."

Ele é primo da minha mãe, a mãe da minha mãe com a mãe dele eram irmã, aí a mãe disse assim:

"Tu viu ele?"

Eu disse:

"Vi"

"É, ele vai passar aqui pra me levar pro casamento" a mãe disse assim. "Nós vamos no casamento"

A mãe ia no casamento da sobrinha dela em Garopaba do Norte, aí eu sei que a mãe foi nesse casamento, foi lá tudo, chegou lá falaram... A mãe perguntou pela mulher dele e ele disse:

"Não, sou separado, me separei da minha mulher deixei os filho tudo deixei a mulher e fui embora não quero mais, não dá de viver, não dá de viver..."

A mulher dele era muito brava, aí se separaram. Aí ele disse pra mãe lá:

"Não tem uma mulher pra mim casar?"

Aí a mãe disse:

"Ah! Não tem... É muito difícil."

Aí a minha tia, que é irmã da minha mãe, sabia que eu tava sozinha. Aí, a irmã da mãe disse assim, a Tia Profira, mora lá em Araranguá... Morava, né? Hoje já é falecida. Disse assim:

"Ela tem uma filha!"

Aí, a mãe pegou e disse:

"Ah! Ela não vai querer, ela é muito nova."

Aí ele assim:

"Quem é a tua filha?"

Aí, a mãe disse e ele disse:

"Ah! Já vi ela já faz tempo que vi ela"

Aí, deu que ele pegou e veio trazer a mãe e a irmã da mãe, vieram aqui. Era uma época de carnaval, aí chegou aqui, ele entrou com o carro, naquela época era um fusca, parece; eu não conhecia mais. Aí, ele entrou ali na casa da mãe, eu tava fazendo rede. Aí, ele quando olhou, tinha a Noêmia também, tava eu e a Noêmia fazendo rede, nós duas separadas, né? Aí, ele invés de olhar pra Noêmia, olhou pra mim; olhou bem sério assim pra mim... Ficou olhando. E eu, de cabeça baixa, fazendo rede, né? Aí, depois ele falou com o pai, aí eu queria muito sair daqui uns dias por causa desse do farol que tava incomodando muito: ele bebia e vinha pra cá incomodar queria levar as meninas e tudo; e eu tinha medo de ele carregar minhas meninas. Aí, ele pegou eu disse assim pra ele

"Tu vai pra Araranguá?"

Aí, ele disse:

"Vou, porque sou obrigado levar a Profira pra Araranguá"

E ele, parece, que morava com a Tia Profira a irmã da mãe, a irmã da mãe e o irmão dele era casado com a irmã da mãe eu sei que era primos irmãos casados, o tio casado com a Tia Profira, aí ele assim:

"Quês ir?"

Aí, eu assim:

"Tu me leva pra Araranguá?"

Ele assim:

"Levo!"

Aí, a Tia Profira assim:

"Arruma tua roupa e vai lá parar uns dias lá em casa comigo... Eu tenho tanto serviço tu vai lá trabalha uns dias comigo, leva as tuas meninas."

Aí, pedi pro pai, né? Aí o pai disse:

"Quês ir? Vai... Mas não fica muitos dias!" o pai assim

Aí, eu peguei minha mala e fui com ele, aí cheguei lá ele assim:

"Eu não vou mais deixar tu ir embora, eu vou ficar contigo pra mim!"

Aí, eu disse:

"Mas eu não vou te querer, porque és muito mais velho que eu! E eu sou moça."

Eu era moça, 19 anos. Aí, ele assim:

"Não! Eu não vou te deixar mais, vou ficar contigo!"

Aí, minha filha, fiquei com ele. Já tinha duas filhas mesmo, naquela época era difícil de a gente criar os filhos, eu disse: Meu Deus! A minha mãe tinha dia que, como diz o outro, tinha aquilo tudo de filho. Tinha dia que se incomodava com os filharedos, eu disse:

"Olha, mais vale ter alguma coisa do que sete vintém, né?"

Aí, eu peguei e fiquei com ele, aí depois vim embora, passear aqui na casa da mãe. Cheguei aqui e disse:

"Eu não vou dizer pra mãe que tô junto contigo... Tu que tem que dizer!"

Aí, ele falou pro pai que tava vivendo comigo, o pai disse assim:

"Pois é... Tem que criar as meninas dela com muito respeito, igual como tu criou teus filhos!"

Ele tem bastante filho, tem um monte de filho da outra mulher... Nove filhos! Tu vê!

"E tu tem que criar elas a mesma coisa como criou os teus" - o pai disse: *"com bastante respeito"* - ele disse. Pode deixar e elas chamam de pai toda vida pra ele, até hoje! Deus o livre, elas tem o pai delas lá em Laguna, uma mora aqui a outra em Tubarão e elas não vão visitar o pai delas, pra elas o pai delas é o que está morto em Araranguá. Elas tinham muito amor naquele pai e os filhos dele lá todos vem aqui na minha casa, até essa semana agora... Não deu aquele ventão sul aqui atrás? Sem ser o de ontem, bem forte?

Sim, sim...

Nilda: Dormimos lá na beira da praia, eu a filha dele mais velha: a Edá, seis operação de coração ele, e ela fez uma meia-aguinha lá às trinca cabe um dedo.

Ai, meu Deus!

Nilda: E ela assim:

"Ô, Nilda! Tens coragem de dormi aqui?"

E eu:

"Tenho!"

Dormiu eu ela e o marido dela, ela botou o marido dela dormi no canto ela dormiu no meio e eu do lado. Meu travesseiro foi uma saca de cimento, [risos]. Agora, semana passada, dormimos... Olha, mas era bom o vento. Uma meia-aguinha dois e meio por três e meio, três e meio assim por dois e meio assim, o vento queria tirar a casinha de cima das pedras, e nós dormindo ali, botamos o cobertor, aí, eu disse:

"Só que meu travesseiro tá meio duro, porque é uma saca de cimento." - aí eu disse assim - "Aí, Eda! Tô lembrando do tempo antigo, quando nós dormia na praia com o pai, que meu travesseiro era um toco de pau. Eu só botava uma blusa e dormia ali, amanhecia com o pescoço até duro!"

Ela assim:

"Te lembrasse?"

E eu:

"Me lembrei, Eda! Tudo, tudo..."

Nós não dormimos a noite inteira com o ventão, nós oramos tanto... Oramos a noite toda. Nós orava, daqui a pouco nós parava de orar, conversava, daqui a pouco voltava a orar. Me lembrei tudo daquele tempo, a mesma coisa que a gente fazia no tempo antigo. Eu cheguei lá e fiz, peguei a pá e fui fazer uma fonte pra tirar a água, a fonte no meio do pasto assim... Cavei fiz uma fonte. E água era um vidro, coisa mais linda!

"Pega, Eda! Tem água boa aí, vamos tomar!"

A água bem boa, bem gostosa. Me lembrei tudo daquele tempo, era bom, né? E fiquei lá. E eles vem tudo aqui na minha casa os filhos dele, eu tenho três filhos dele: tenho a Sônia, que mora em Criciúma; Licério, que mora agora no Rio Grande, que tá pescando lá; e tenho o Marcelo, que mora ali, que tá pescando no barco também. Tenho três filho dele. Uma tem 35, o outro tem 30 e o outro tem 31 um aninho de diferença um do outro, tenho os meus 5 filhos. E do meu primeiro casamento fui divorciada, ele eu não era casado, eu era junta... Mas sou viúva dele, né? Mas era muito bom, era um tempo bom, até... Que a gente não passava muito trabalho, não. Roupas não precisava ter muito luxo naquela época, a roupa durava bastante tempo, não é igual a hoje, né? E também era assim: a roupa, a mãe da gente remendava, né? Hoje botam um remendo na roupa pra ser moda, naquela época minha mãe pegava roupa, tudo quanto é roupa que rasgava; ela ia guardando, botando em um montinho. Chegava fim de semana ela ia costurar, daí ela botava o remendinho bem direitinho... Bem quadrado o remendinho, era bom, né? Nós andava remendadinho, tudo direitinho. Mas era tudo limpinho, era tudo bem arrumadinho, tudo bem limpinho.

E quando tua mãe veio pra cá, ela foi a primeira moradora daqui ou já existia gente morando aqui?

Nilda: Não, existia o falecido Lafaerte, que hoje ainda tem; o seu Maurinho, que mora lá em cima, que é sogro da Tila. Semana passada eu perguntei pro seu Mauro:

"Ô, Seu Mauro! Quantos anos o senhor tem?" - Ele disse 74.

E a senhora? Tem quantos?

Nilda: 55. Fiz dia seis de dezembro, e seu Maurinho tem 74 anos. Tinha o Seu, falecido, Eduardo que tem a Dona velhinha, que é a Dona Iracema, que mora lá em cima, né? A Dona Iracema, que ela tem setenta e poucos anos também... Deve ter 75, 77, 76; parece.

Por aí...

Nilda: Tinha a Noêmia, que era irmã dela. E tinha seu Jovino ali, que hoje é falecido marido da Dona Julia, que é a mãe da Dona Nerci, lá dos caras lá que tem o Gelson, o Gilson lá da Cigana, né? E tinha o falecido, o Seu, o pai do Cicizinho, veio muito depois. O pai do Cicizinho veio depois da enchente grande pra cá, não era do nosso tempo, quem tava aqui era o falecido Dedé, que hoje é falecido, que era irmão da Dona Velha ,também, que eu me lembro que tinha era eles.

E as casas eram assim? Uma do lado da outra?

Nilda: Não, é a mesma coisa como é assim hoje. A minha mãe era ali onde é o Lauro, que ela fez o ranchinho dela ali. E depois ela foi construindo, construindo... A nossa casa era tudo de palha, dessas palha de taboa, tiririca, taboa, aquela tiririca que corta o dedo da gente? Era daquela! Até quando a gente tava dentro e vinha chuva, aí chovia; às vezes passava uma goteirinha, o pai ia lá mexia assim e já arrumava a goteira. Era bom, né? As telha hoje em dia tem que subir nessas casa altas pra arrumar. E o ranchinho só arrumava lá, era legal, eu ainda tinha vontade de fazer pra mostrar pros meus netos aonde eu morava, eu tinha vontade...

De como era antigamente, né?

Nilda: Como era... Porque eles não sabe, às vezes. Pensam que a vida da gente foi assim toda vida. Então se fizesse um ranchinho pra mostrar pra eles era bom, né? Eu tinha vontade de comprar os bambus e fazer. Se eu for fazer, eu faço um todinho. Se eu for fazer, eu faço um daquele! Eu tenho vontade, porque eu faço, sou metida pra essas coisas... Eu gosto de fazer. E aí, nós tinha era um rancho de palha, depois o pai compro madeira e fez a casinha de madeira ao redor. Daí botou a madeira ao redor, cobertinha de taboa, já era cobertinha de taboa, né? Aí, depois, o pai comprou a primeira casinha do falecido João Chaga, de madeira, aí construiu de madeira. Aí, depois daquela vez, o pai construiu a casa bem boa, na época da enchente de 84, que ele pescou muito camarão ali no rio. Ele pegou uma batera de camarão cheinha! Aí,

ele comprou as madeiras pra fazer a casa, aí ele fez a casa. Depois de ter a casa dali, a minha mãe mudou ali pra trás do salão que a Rosilda morava. Depois desmanchou, que o cupim comeu, né? E aí fez de material, mas toda vida foi assim.

Mudou muita coisa aqui no canto?

Nilda: Mudou, mudou bastante aqui. Mudou aqui. Naquela época era tudo rancho agora é tudo agora é tudo casa, né? Rancho ninguém tem mais, né? Aquele ranchinho de palha.

Sim...

Nilda: Agora já é tudo casa. Ninguém tem mais casas ruim, né? Quem tem casa ruim aqui, né? Ninguém, né não? Te lembra? Não, né? Casinha mais ruim aqui, quem é? A gente que não tá com a casa acabada... Quem mais? Tem ninguém com a casa ruim aqui no canto, né? Só o Dirceu que tem uma casinha de madeira. O resto tudo tem casinha boa, né? Não, hoje tão tudo rico hoje na vista do que era o tempo atrás, tão tudo rico ninguém podemos mais reclamar, né? Tá muito bom. Fome ninguém passa, né? As coisas tá mais fácil de ganha dinheiro, porque tu vai ali uma rede e pega um quilinho de camarão, e da pra viver, né? Hoje tá mais pouquinho, mas amanhã já, né? E quando, aqui já tem trabalho, emprego... Os filhos da gente já casaram tudo, né?

O que a senhora acha do asfalto aqui?

Nilda: Ai! Uma benção pra nós, né?

É? Melhorou bastante?

Nilda: Melhorou bastante. Olha... A minha mãe falo assim:

"Eu não vou alcançar, mas vocês vão alcançar."

Minha mãe alcançou um pedacinho da balsa, que ela fazia "emodiali" [hemodiálise], então nós vinha com ela, então... Lá de Tubarão, a gente passa na balsa um pedacinho, aí, ela disse assim: "Já passei de cima de um pedacinho."

É?

Nilda: Né? Mas ficou muito bom! Ontem nós já tivemos na igreja de chinelo, mas sem suja o pé né?

Verdade.

Nilda: Muito bom o asfalto, nossa!

É...

Nilda: Ah! Hoje eu estava lavando o tênis ali, aí eu disse:
"Agora o tênis, vai aguentar ali, porque..."

É... Porque agora não tem barro, né?

Nilda: Não tem barro. A gente ia na Laguna, quantas vezes eu fiz isso daqui, ali paga o ônibus eu levo pano, ficava ali limpando o meu pé e deixava o pano ali na volta eu pegava o pano e trazia pra casa [risos] né? É... às vezes ia na Laguna, a gente entrava e onde a gente entrava eles já conhecia a gente, porque a gente era do sítio, pois o pé cheio de lama e lodo. Agora, hoje não é, né? Tudo é uma benção! Nossa estradinha... Ai, credo!

A senhora pertence a alguma religião?

Nilda: Eu sou evangélica.

Frequenta qual igreja?

Eu sou da Assembleia de Deus.

E, por que a senhora frequenta essa igreja?

Porque achei melhor, né?

Mas não era só porque está Assembleia?

Não, a primeira igreja foi nós que fizemos, fundemos a Igreja da Senhora Aparecida. Foi meu marido que fundou... Meu marido. A mãe e meu pai deixou terreno. Né? Minha mãe que deu pra Igreja Católica, esse terreno foi minha mãe que deu. Eu não fazia naquela época essa igreja. Aqui tá a falecida Kimildo que é parente nosso, que hoje é falecido. Então nós fazia bolo naquela vez, nós corria rifa... Pra fazer a igreja, então... Essa igrejinha ali foi feito tudo pelas nossas mãos, nós que ajudamos a fazer. Hoje quem comanda é minha sobrinha, a Fátima. Pois eu não quero mais, porque eu abusei do padre, Padre Ademir. Aí, não suportei o Padre Ademir cada vez que eu ia na igreja ele chegava perto da gente dava um soco.

Nossa!

Nilda: É... Aí cismava que era pra mim, eu cismava que era pra mim... Cada vez. Aí, eu tenho aquela minha filha que mora em Criciúma, ela coroou a nossa Senhora de Fatima, coroou nossa Senhora de Fatima... Os meus filhos todo se batizaram na Igreja Católica. Fizeram primeira comunhão na Igreja Católica, renovação de batismo... Eu tive bastante afilhado, até. Teve uma que batizei, consagrei, fiz a renovação do batismo uma moça só. Eu fiz tudo isso, ela queria até mudar de madrinha, daí eu disse "Não, não... *Eu faço tudo.*"

Então é assim, ó: eu comecei, aí eu gostei e eu gostava muito, muito; naquela época. Eu tinha uma vendinha, aqui hoje é um quarto, mas naquela época uma vendinha. Na hora da missa, meu Deus! Era fechado a porta ligeiro, eu fechava a porta na educação que eu tinha. No dia de festa, aquela festa eu fiz a comida sozinha, eu mais a tivesse do Seu Arcisio, fizemos pra festa. Eu fiz tudo aqui na minha casa, levei tudo feito pra lá e eu era muito da católica... Gosto mesmo! Gostosa, gostosa mesmo... meu Deus! Era uma coisa a mais, aí depois o Padre Ademir foi tirando o amor que eu tinha assim da gente. Foi muito sofrido pelo Padre Ademir. Eu saí mesmo foi pelo Padre Ademir, senão não tinha saído. Eu saí, porque eu senti que ele estava humilhando a gente. Então, nós ia ali na igreja até, na época, a Dona Júlia também estava. Dona Julia era viva e a Dona Julia faz pouco tempo que ela faleceu. Aí ela chegava na igreja tinha um banco que eu sentava, naquele banco era marcadinho. Eu não me lembro que eu perdesse uma missa... Não me lembro de ter perdido uma missa e nem uma festa. Eu queria comprar sapato melhor e roupa melhor e depois fui abusando daquilo ali por causa do padre. Padre Ademir, quando ele chegava, vinha que ele começava a falar muito com hora que a gente estava na missa, mas se ele cismava, ele chegava do banco que a gente estava e dava soco. Ele dava soco, a Dona Julia, um dia, até se levantou e foi embora. E ele chegava e andava, andava e chegava no banco que a gente estava e dava aquele soco. Quando foi um dia um dia eu achei que aquilo era pra mim, parece que o coração da gente está magoado. E quando foi um dia eu disse: "*Se ele fizer isso, vou abandonar e não vou mais.*" Aí, quando foi um dia, eu fui a missa cheguei e ele começou, na hora da carta que ele fazia ele vinha perto do meu banco e deu três soco, três soco e se o banco fosse fraco ele tinha partido. Três soco... Eu levantei e dei três também, "pó", eu dei três soco. "*De hoje em diante eu não venho mais*" e nunca mais botei meu pé ali na igreja. Até se tiver alguma coisa... vou. E se eles convidam, vou. Mas se tiver assim, um casamento, coisa assim, eu vou. Mas tirando isso nunca mais fui.

Mas a senhora nunca descobriu o porquê desse soco?

Nilda: Não, não, não... De grosso mesmo. Grosso que ele é, Padre Ademir é gosto dele ,mas, né? Ele está muito. Chato demais, no fora tudo quanto é missa que ele fez não vai ninguém, quando é missa do outro sempre vai. Quando é dele não vai ninguém, naquela época ele veio atrás de mim, veio atrás de mim.

"Ei! Você é um pastor, não agrada suas ovelhas, suas ovelhas vão embora, e não vai volta mais, porque as ovelhas ela quer o amor do pastor, não é? E você tá tocando as ovelhas fora, então não adianta nós estar ali, né?"

Aí eu peguei e saí. Uma vez ele veio aqui e pediu perdão pra mim, aí eu disse tá, mas você não tem que pedir perdão pra mim, é pra Deus, né? Aí, eu peguei e saí um dia e fui de a pé, aí, não sei fui na casa de uma vizinha lá embaixo, passei numa igreja e ele estava louvando um hino muito bonito. Estavam limpando a igreja e louvando o hino, aí eu passei ... Não! Eles estavam fazendo um culto de tarde... E eu passei. E aquele hino muito bonito, aquilo ali tocou meu coração, assim, aí eu disse: "Ai! Vou entrar", aí eu entrei, e na hora eles perguntaram pra mim, se eu queria aceitar Jesus. E eu não quis, vim me embora, e aquilo ali coisou o meu coração, coisou meu coração... Aí eu disse: "Outro dia de culto eu vou!" aí eles pegaram, aí vieram, aí eles vieram aqui em casa, conversaram bastante, depois eu fui. Depois daquela vez eu comecei a ir até hoje. Não troco mais o meu Deus por nada desse mundo, sirvo à Deus, né? Porque, vou, né? Vou ali na Madureira, a igreja da Assembleia de Deus da Madureira. Vou muito, gosto muito, gosto muito de ir. Mas sou batizada naquela ali, fui batizada na católica, mas fui batizada na Assembleia de Deus, gosto muito. Trabalho junto com eles, vou a todos cultos que tem por aí, vou gosto muito, né? Tenho filho católico, tenho três católicos e três evangélicos, uma filha que mora em Criciúma, ela é católica. Não é evangélica. Tem essa aqui ela é evangélica, tem o meu genro ele é evangélico, tem o outro meu genro que é evangélico e tenho e tenho aquela filha de Tubarão e os dois, filhos que não são, mas acredito que Deus vai trazer eles, pra casa do Senhor, vai... Porque eu peço pra Deus trazer eles, eu quero que eles sirvam a Deus, porque não adianta, a gente não tem outro sem ser ele, acho que não existe, né? Porque, ó: essa semana, eu estava aqui, nós estávamos, teve festa aqui. O baile não estava ruim, a gente estava aqui dormindo, daqui dá de escutar tudo, porque a minha janela, eu levantei três vezes pra calçar a minha janela, porque tem um calcinho que eu boto e tem minha toalha que eu boto pra calçar, porque com baile ela tocava *tchuctchuc,* balançava.

Aí, eu fui ali calçar, aí o baile até que as músicas estavam boa, muito boa. A gente escutava aqui... Boa mesmo, mas quando foi na

hora que terminou, não tinha quem parasse, veio o cara da rádio 112 de Tubarão... Bah! O que ele falou, aquele cara ali! A boca dele, ele só tinha boca pra fala palavrão, só o que ele falou não prestou, coisas que ele falou na cinco horas da manhã, tá louco, né? Aí como que a gente vai criar um filho ou neto assim? Não tem mais como criar um filho ou neto dentro de uma casa assim. E aí, ele tinha que respeitar, eu acho. Que ele tinha que respeitar, porque o salão a parede da igreja.

Claro...

Nilda: E se ele é daquela religião ali, ele tinha que respeitar, porque os santos dele não estavam ali, ele tinha que respeitar aquilo ali, né? E se fosse eu que estivesse lá, comandando lá: *"Epa! Aqui vocês não podem tá chamando isso daqui! Aqui tem que respeitar a casa de Deus, vocês tem que respeitar a igreja!"* - Não tem que respeita? Eles não respeitam. Ele não respeitam aquilo ali, a gente que estava aqui deitado ouviu o que ele falou, falou tudo coisa que não prestava, então pra mim não dá! Então como que a gente vai servir, minha filha? Nós podemos servir? Não! A gente tem que procurar onde tem coisas boas, né?! Então eu acho assim, eu sou bem contente, até um filho que ele conta esse meu filho, que mora no Rio Grande, ele: *"Ah! Porque Deus é tudo um só... E por que não existe dois Deus, existe só um, né?"* - mas meu filho existe coisas maravilhosas que nós podemos estar servindo, nós não podemos estar servindo coisas que não tem ouvido que não tem olhos, que não tem boca, não é?

Verdade!

Nilda: É... Nós estamos servindo coisa que não tem boca, que não tem ouvido, que não tem olhos, né?

Apenas uma imagem.

Nilda: Né? Nós não podemos servindo. Foi o que eu disse pra ele: *"Meu Deus, meu filho! Tem Deus... É melhor coisa que tem, não existe coisa melhor!"* - eu sou muito contente, eu tenho uma coisa boa comigo que eu me orgulho e vou orar. E Deus falou tudo comigo, coisas que vai acontecer daqui amanhã, depois e depois... Deus mostra pra mim, é a coisa mais engraçada, tem hora que eu estou tão juntinha com ele, que eu tô num quadrinho do tamanho do piso desses da minha casa. Ele tá encostadinho junto comigo.

O dom do espírito santo, né?

Nilda: É... Então eu vou servir o que? Vou está aonde não tem amor? Aonde tem encrenca, onde tem briga? Né... Porque vocês num salão de baile, num salão a festa evangélica é diferente, né? Vocês podem crer, não sei se vocês são tudo católico?

Não, não sou católica também.

Nilda: Não é? Mas a festa do crente é diferente, vocês podem ver, bem diferente... Não tem maldição, primeira coisa que vem se vocês estão construindo uma festa, primeira coisa que chega é o caminhão da bebida, vem trazendo uma desgraça para dentro da igreja do salão. Primeiro que, o conhaque, a cachaça, cerveja, a primeira coisa. Segundo, vocês não viajam nada chega, primeira coisa quando tão limpando o salão aquele dia ali estavam limpando o salão o caminhão buzinando, buzinando... O caminhão da desgraça chegou, né? A nossa festa é diferente, não chega aquilo ali, né?

Não,**é?**

Nilda: Né... Então pra que, se nós estamos vindo, olhando com nossos olhos que tão errados, pra que vamos para o errado? Eu acho que não, né? Então, fico aonde eu estou. Tá bom, muito bom, eu estou bem contente. Ah! Mas tem... se Deus tivesse nos chamado nessa graças, né? Há mais tempo... Porque perdi muito do tempo, né? Perdi, perdi mesmo... Bastante tempo. Se há mais tempo ele tivesse me chamado, olha... É uma coisa muito maravilhosa, se soubesse tinha ganhado meus filhos tudo nela, numa dessa eles teriam tudo servindo junto comigo, né?

É!

Nilda: Mas espero a Deus. Se Deus quiser eles vão estar junto com a senhora. Tem um neto que se batizou-se agora faz pouco, tem o Vitor. Foi embora, eu criei ele, foi-se embora. Eu comprei a batera, a rede, ele disse: "Vó! Não quero isso... Não quero ser pescador, vó! Vou-me embora com minha mãe" - aí foi embora com a mãe, lá em Criciúma. Trabalha num caminhão... Caminhão de pão o nome é... Até tenho ali o nome do negócio do pão... Eu não sei dizer, porque é um nome estrangeiro e eu não sei falar. [risos] Então ele trabalha e ele é evangélico, evangélico também. Até tive lá na casa deles agora, aí eu disse:

"Até parece um pastor, tão bonito... Bonito que tu fica com um terno bem arrumado assim."

"Fico, vó?"

"Fica! Muito bonito!"

Ai! Eu gosto tanto, gosto tanto, gosto tanto... Gustavo gosta muito também, Gustavo já fala coisas de Deus assim, né? Muito maravilhoso! Então é bom, né? Nós agora temo reunido, círculo de oração na igreja, na nossa que nós fizemos lá, então está muito bom.

A Igreja Evangélica que veio depois da Igreja Católica?

Nilda: Foi, foi... Foi bem depois.

Faz muito tempo?

Nilda: Ah! A igreja ali já faz uns 17 ou 18 anos.

A igreja evangélica existiu primeiro aqui ou em outro lugar?

Nilda: Não. Nos outros lugares também. Tem na passagem da Barra. Tem... A primeira Igreja Evangélica aqui foi na ponta da Barra, a Igreja Evangélica lá, depois foi no Farol, a Igreja que a Dona Odete fundou.

Sim...

Nilda: A gente diz que é a Igreja da Dona Odete, né? Mas é a Assembleia de Deus, mas foi a Dona Odete que ajudou, né? 'Tadinha... Depois que veio a nossa.

Certo, então a 19ª Igreja Evangélica vem da Assembleia ou daquela do Véu?

Nilda: Da, da, da... Dessa da Santa Marta foi a do Véu.

A do Véu?

Nilda: É, a da... A da Remanescente. Eu tenho um irmão ali que é da Remanescente.

E a senhora está há quanto tempo?

Nilda: Ai! Faz nove anos, a minha mãe é da congregação, minha mãe deixou esta aqui que ajudou a fazer. Depois, minha mãe foi congregação, atrás desse salão aqui tem uma da congregação, já viu lá atrás?

Já.

Nilda: Ela que fez antes dela falecer, ela deixou pra tintinha no continho, aí a minha mãe, a Rosilda, a Cida, o Nei, a outra neta dela, a outra, acho... Que tem seis na congregação. Nós somos da Assembleia, Assembleia de Deus nós servimos a Deus, né?

Assembleia de Deus?

Nilda: É, mas se convidar hoje pra ir outra igreja lá, também... Sendo evangélica, eu vou. Gosto muito de ir visitar as igrejas. Eles me chamam de arteira. O pastor me chama de arteira porque eu gosto de visitar todas, mas eu gosto de ir, né? É bom a gente ir, né?

É bom a gente ir ouvir a palavra de Deus.

Nilda: É, né? Eu adoro! Também vou passear, mas vou passear e vou na igreja, eles ficam passeando e eu pra igreja.

Mudando de assunto, a senhora sabe de alguma lenda daqui?

Nilda: Eu não sei o que é isso.

Ali no Farol tem a lenda da se subir o morro, que é o morro ali é sambaqui, né?

Nilda: É.

O que é o antigo depósito que era de índio, né?

Nilda: É.

Então eles diziam que ali era a lenda deles que era que os mortos iam atrás deles.

Nilda: Aham.

Eu já ouvi isso... E aqui no Canto tem?

Nilda: Não, aqui não, aonde tem é na subida do morro ali né que tem aquelas coisas muito antigas ali tem, né?

Sim.

Nilda: Vocês nunca foram ali? Tu nunca foi ali?

Aonde?

Nilda: Ali, naquela subida do morro... Mais aquelas coisas antigas, o que tem é só aquilo ali, que vejo falar aquelas pontes bem antigas. Bem, bem, bem antigas.

Não.

Nilda: Não?

Eu nunca ouvi falar.

Nilda: Não?

Eu nunca vim pra cá.

Nilda: Não? Vem um dia pra cá vê que coisas antigas tem ali. Tem umas três quatro ponte antiga ali, mais que eu vejo falar. Mas eu nunca vi essas coisas assim, coisas antigas, que eu sei são assim, não maliciosas. O meu pai que falava que tinha, que tinha quando ele ia pescar, há muito tempo ali, né? Porque já faz trinta anos que meu pai faleceu... Trinta anos, que ele ia pescar aqui no rio do meio, ali no Seu Pimenteli, falei que tinha uma tocha de fogo que se levantava.

Sim...

Nilda: Tempo dos antigos que se chamavam batatali... Batatali? Batatali, né? Meu pai disse que tinha muito medo, meu pai disse assim:

"Hoje isso é o maior perigo, hoje ninguém vai pescar, porque é o dia do batatali"

Se alevanta aí, nos batatali é uma tocha de fogo que se alevanta, é muito feia! É... Uma vez fui pescar umas Aruemas... Aruemas, né? Mas a Cida, a dona da velha ali foi pescar camarão, puxo o camarão de coca, né? Foi a Cida da dona da velha... E aquele bicho dava gargalhada, era noite, aí eu disse:

"Ô, Cida! Que é isso?"

E aquele bicho dava gargalhada, daí eu disse:

"Vamos embora!"

E já era de madrugada e aquele bicho dava gargalhada. Ele dobrava gargalhada, meu Jesus! Que bicho mais feio!

"Ô, Cida! Não podemos nos escapar do bicho temos que ver o bicho, né?"

A Cida disse não. Aí eu disse:

"Vamos ver o que é!"

Chegamos lá, vamos pela beiradinha, chegamos lá o socó desse grandão.

O passarinho socó pega o... Como é? Os buzos tem umas carnes dentro, ele pegava e batia no pau, assim. E sai aquelas coisas de fogo, assim. Porque batia no buzo, sai e daria aquela gargalhada... E nós se espantamos pensando que era bicho!

Às vezes a gente acha que é uma coisa é outra.

Nilda: A Cida: "Nós não podemos correr, devemos vê o bicho!" - chegamos ali: o socó! Tu acredita!? Como ele achou aquele buzo a noite, né? No meio dos mangue, né? Achava aquele buzo e quebrava assim: *pá pá pá*. E saltava aquela faisquera de fogo e nós olhava assim e as perninha do buzo quebrava. Os pedacinhos caia, e de certo ele dava aquela gargalhada, mas dobrava um grito assim... Parecia uma gargalhada, eu assim: "Ô, Cida! Se a gente não visse, nós ia fala pros outros que era!" que tinha parecido, aquilo. No outro dia nós ia fala que aquilo era... Como que pode, né? E o pai falava que tinha batatali [risos], o pai, a mãe... Que nada! Não tem nada disso, não tem batatali ali!

Mas esse batatali aparecia quando?

Nilda: De noite. Noites escuras. Meu pai disse que lá para banda do Pimenteli.

Que não tinha lua?

Nilda: É... Nos escuros, para banda do Pimenteli, aparecia esse tal de batatali. O pai dizia assim: "O maior perigo! Hoje eu vi o tal do batatali" - que batatali o que?! [risos]

E quanto a natureza, o que mudou em todo esse tempo que a senhora mora aqui?

Nilda: A natureza? Ah! Mudou bastante, né? Naquela época era só mato, hoje não tem mais... É... Natureza é mato, né? Não tem... Está se terminando, né? Naquela época essa nossa lagoa aí era boa que nem o piritinha, jencó... Era tudo um piri e taboa por tudo. Tinha junco, tudo. Hoje já não tem mais, está se terminando... Tudo a água salgada mata. Só que esse mato cresce tudo outra vez, né? Mas, de primeiro, tinha bastante a lagoa dos combro que hoje já não se ouve falar... Mais era natureza na lagoa dos combros. Né? Os mato, as árvores bonitas que tinham...

Tudo se terminou, principalmente agora que fizeram o tal do asfalto... Primeiro a gente andava, né? A natureza tá se acabando, os tempos que a gente via lá atrás se acabando.

Tinha bastante árvore?

Nilda: Tinha, tinha bastantes árvores. Tinha Arueira, Capivoreira, era, daquele como era o nome daquele que as abelhas fazem mel? Espinheiros, né? Às vezes, a gente andava no campo era força de pézinho de árvore. Hoje a gente anda e não tem, até no campo desapareceu, né? As coisas foram se destruindo, naquela época, a gente andava pelos combros, né? A gente era pequena, nos domingos os nossos passeios eram pelos os combros. Pegava cada um sua enchada nas costas, tivemos comando, ninho de passarinho, pra ti ver... Ó só: esse era nosso passeio, era esse. Nós era pequena... Era. Então, sempre tinha um pé de árvore pequeno, a gente ia lá e achava os ovinhos, se fosse ovo bom a gente fazia cachaca e se fosse ovo choco a gente botava no ninho de volta. Naquele tempo a gente ia fazer isso e agora não tem mais.

E antigamente tinha alguma flor que hoje não tem mais?

Nilda: Não... Flor não tinha naquela época, não existia pé de flor.

Não?

Nilda: Não que não existia nada pé de flor... Não tinha. Tinha Majunco, Taboa, Piri, né? Escanlaqui. Nunca teve nada como era os tempos dos antigos, bem assim.

Mesma coisa desde da galheta até esses tempos, eu vim de a pé da Tereza nós vinhamos de a pé. Não mudou quase nada pra cá, está a mesma coisa! É, não mudou nada.

O que mudou mas foi na costa, né?

Nilda: É... Não, mas no campo não mudou. Tá a mesma coisa, continua o mesmo junco ali, tudo aquelas coisas continua a mesma coisa. Não mudou nada o que mudou foi as beiradas, né?

Né? O povo já vai cortando uma coisa ou outra e agora tem mais flor plantada que naquela época não tinha, né?

Nilda: Naquela época as gurias não plantavam flor. Naquela época... Agora que estão plantadeiras de flores, né? Minha mãe não plantava muito, porque ela andava muito. Aonde ela andava, ela vinha com feche de Garopaba do Norte, ela trazia o

feche de flor nas costas, a minha mãe era, aonde ela fazia uma casa pra mora as flores, tinha solto. Vê... Antes de ela falecer ela ainda plantou aquele pé de flor que está na frente da minha casa. Ela que plantou na cadeira de rodas ela veio ali ensina a planta. Era assim.

O que a senhora acha que precisa mudar aqui no Canto?

Nilda: Precisa melhorar?

É.

Nilda: A nossa lagoa, precisa melhorar, nós precisamos... Nossa lagoa está muito baixa, né? Nós precisamos cavar essa nossa lagoa, se nós fizessemos uma limpeza na nossa lagoa... Essa semana, agora, essa semana passada... Eu fui andar de bateira, eu gosto muito de andar de bateira, gosto muito, gosto muito, gosto muito!

E a senhora ainda pesca assim?

Nilda: Se for preciso, eu pesco. Mas peguei a bateira, saí de manhã, botei duas laranjas... Botei na bolsa, peguei o telefone e botei. Fui remar, fui achar bambu para fazer cerca para as galinhas. Aí, ninguém viu! Saí de manhã bem cedinho, aí, até fui lá juntei bastante toco de pau que caiu do trapicho, bom para fazer galinheiro. Fui juntando ali e comecei olhar o que tem de sujeira na beirada da nossa lagoa, que se for juntar dá um caminhão de plástico, bolsa plástica, tudo quanto que é entulho.

É porque os nossos pescadores jogam, né?

Nilda: Eu não sei quem é... Eu não sei quem é. Porque eu junto na nossa beirada aqui. Eu junto tudo. Eu tenho um pavor de coisa plástica. Hoje até olhei e tem um galão lá azul, eu até estava dizendo que tem um galão lá, o Luciano até disse: "*Eu não sei, Dona Nilda... Acho que veio com o vento.*"- mas tem que juntar, porque eu junto, né? Porque eu não gosto, mas o que tem, minha filha... Dá de juntar de caminhão.

E um pouco vem também do rio.

Nilda: É, É, É... Está muito cheio de sujeira nossa lagoa, precisa de limpeza. Nós precisamos da lagoa para nossa pesca, porque se nós não tivermos mais lagoa limpa, nós não temos pesca, né? Por isso muitos coitados tão saindo daqui, embora daqui, os pescadores tem muito trabalhando empregado. Não dá mais de trabalha na pesca, porque nossa lagoa tá se terminando, né? Nosso

rio ali tá fechado, né? O nosso rio do dragado foi fechado, nosso rio do meio tá entulhado, precisamos de limpar o nosso rio que vem da Carniça, que vem pra cá também tá enterrado, né? Essas beiradas de lagoa aí, o povo de fora tão invadindo cada vez mais, né? Ô! É coisa por demais.

E qual é o futuro da pesca, na sua opinião? Como a senhora acha que será daqui para frente?

Nilda: Ai, minha filha! Não vai ser! Daqui pra frente, como tá indo agora... Daqui pra frente vai se termina, porque tem uns anos aqui atrás... Uns três anos aqui atrás, a pesca do camarão eles fecharam, né? Porque eles fazem um defeso, defeso do pessoal, aí. Quando abre a pesca sempre ia um pegava quarenta e um pegava trinta, outro pegava vinte e outro dez, né? O outro já pegava um, outro pegava dois, esse ano não deu. Esse ano não deu, não deu nada, nada, nada, nada. Só três, dois, um quilo. Hoje, botaram rede aí...

Meu genro botou. Meu genro botou rede e não pego um quilinho de camarão, não pesou um quilo, não pesou. Não deu uma xícara o camarãozinho que ele pegou.

Quantas redes ele coloca?

Nilda: Doze redes que ele colocou, não coube uma xícara.

A senhora acha que a pesca vai acabar daqui para frente?

Nilda: Vai, vai...

Se continuar do mesmo jeito vai acabar?

Nilda: Vai, vai se continuar desse jeito, vai se acabar, se não tiver um jeito, se não tiver uma força pro pessoal limpar a lagoa, cavar... Mandar as máquinas pra cavar nossa lagoa, a coisa tá feia, vai se termina, né? Pescador eu acho que vai nascendo agora mesmo, pra viver da pesca, não vive mais. Aqui não, aqui não, já tem que saí fora né, porque não dá... tá ruim.

E a senhora tem alguma coisa que não fez e gostaria de fazer?

Nilda: Que eu não fiz e gostaria de fazer? O que? Estudar, saber ler mais pra mim louvar os hinos, isso eu queria... assim. Ô! Pra mim aprender a ler, que tem uns tipos de letras que eu não conheço, assim ó (representa a letra H com as mãos) essa letra eu

não

sei...

É um H.

Nilda: É, É, É... um trabalho, aquela ali eu não sei. Então eu queria, assim, aprender. Para gente poder, né? A saber falar as coisas, que eu não sei. Tenho assim ó, uma vontade de saber, de eu chegar num lugar, e eu saber falar as coisas, que hoje eles falam, aquelas conversas bonitas eu queria aprender. Né? Que eu não sei, eu tinha muita vontade, né? Assim ó, louvar um hino na Igreja, eu tinha uma vontade, assim... Que eu aprendesse, assim... Mas eu não sei a letra, não adianta meter, né? É isso que eu tinha vontade, né?

Eu queria te fazer uma pergunta, e aqui foram feitos os tanques de camarão, não foram?

Nilda: Foi.

Na época alguém da tua família, trabalhou lá?

Nilda: No tanque de camarão? Trabalhou dois filhos meu e um genro.

E não sabe por que? O que aconteceu que...

Nilda: Que terminou?

É.

Nilda: Por causa da mancha do camarão!

É? E a senhora sabe por que aconteceu aquela mancha do camarão?

Nilda: Não...

Ninguém descobriu?

Nilda: Ninguém descobriu. Diz que veio, que foi filhotinho, que veio de fora, que já veio com a mancha, né? É diz que foi... É. Mas eu tenho um que trabalhou na fazenda ali muito tempo, Marcelo trabalhou ali muito tempo, depois, meu genro

também trabalhou ali no Zanine também, mas apareceu aquela mancha, né?

E a senhora ainda trabalha com a pesca?

Nilda: Não, eu já me aposentei, né?

Mas ainda pesca? De vez em quando para comer um peixinho?

Nilda: Ah, sim! Se preciso ali eu vou, montar uma redinha, ali. Até ontem estava olhando minha redinha ali, eu disse vontade de dar uma botadinha, para pegar um peixinho, né? [risos] Tenho vontade e vou, às vezes eu vou, às vezes um convida, às vezes, eu tenho um irmão ali que gosta de pescar. Aí esses dias eu disse para ele:

"Quando tu quiser dar uma pescadinha de rede, eu vou contigo!"

Ele disse:

"Quer ir? Vamos..."

Né? Naquela época eu fiquei viúva, que meu marido tinha falecido. E eu fiquei com meus cinco filhos, né? Eu fiquei com tudo pequeno, né? Meus dois, um tinha 7 outro tinha 8 anos, né? E eu fiquei, ele tinha deixado vinte e duas redes, daí eu vendi para tirar a despesa do funeral dele, e peguei as outras e nós fomos pescar. Aí, então eu não sabia, para mim ir lá, e esticar rede para cá e outra para lá, bem ligeiro assim como eles faziam, eu não conseguia, né? Levar bateira assim bem ligeiro, aí os dois meus pequenos desciam na água, eu mandava eles descer na água a nadar, eu descia um e esticava a mangua lá o outro estica cá, para amarrar, então eles faziam isso, todo dia eles iam comigo, aí eu ensinei a ser pescador eles. Aí eles nadavam, aí aprenderam, hoje são bem nadador. Eles, mergulhavam de baixo da água, uma hora eu perdia, aí eu disse: *"Ai! Afundou e não apareceu mais!"*- mentira, já estava lá adiante mais, mergulhando de baixo d'água. [risos] Hoje são bem nadador, são acostumados pescar, né? Aí os pais deles deixaram as redes... *(Passa algo na televisão sobre o peixe em tanque-rede)* Olha lá... que lindo! Era assim, né?

A senhora quer falar mais alguma coisa?

Nilda: Acho que é isso, né?

Ah! E sobre o futuro, o que a senhora espera para sua família?

Nilda: Como é?

O futuro para sua família na pesca...

Nilda: Futuro? Pois agora, minha filha... Que a gente queria deixar pra eles? Pois agora, a gente não tem, né? Para deixar para eles no futuro, né? O que tenho para deixar para eles é só essa morada aqui.

Né? Que mais nada eu não tenho, né? E eles trabalham, né? Mas eu para deixar de bens, é só essa morada que eu tenho. Só essa casa, casa com esse terreno e só, né? Porque a gente não tem mais nada de futuro, né? A gente não ganho dos pais também naquela época, né?

Aham, cada um tem que batalhar pelo seu né?

Nilda: É, É, É... assim. Ai! Tu é lá de Imbituba?

Sou de Imbituba.

Nilda: Ai! É natural de lá?

Aham

Nilda: É... A minha mãe era de lá de Garopaba do Norte, e eu tenho parente lá na Divineia.

Conheço bastante gente da Divinéia

Nilda: É?

Então era só isso mesmo...

Nilda: Então tá.

Comentários do grupo:

Nilda: Dona Nilda em nossa entrevista conta a historia do Canto da Lagoa e sobre sua vida pessoal, ela nos relatou o quanto ela sente saudade do tempo em que vivia com seu pai e sua mãe, quando criança, ajudando-os na área da pesca.

Ela nos contou que na época em que era criança não havia escola e por esse motivo ajudava o pai na pesca, ia para à praia com ele e gostava de lidar com os pescados e com a pescaria em si. Depois seu pai e sua mãe resolveram matricular ela e os irmãos em uma escola, onde estudou até o quarto ano, devido à dificuldade da época, visto que ela e seus irmãos tinham que ir à pé de sua casa até a o Farol.

Ela relatou que o trajeto até à escola era muito ruim, passava por dentro de água e tinha que andar muito, salvo o perigo oferecido pelos andarilhos que viviam na praia. Após isso, ela passou a estudar na Cigana, que era mais distante, porém era melhor, como ela mesma nos falou: "não era tão perigoso quanto ir para o Farol". No Farol a escola era pequenininha e de madeira e, atualmente a escola fica no mesmo lugar, todavia está melhor.

Seu pai pescava na praia, e quando a pesca da tainha tornava-se escassa, ia para o Rio Grande com seus parentes em um caminhão, no qual carregava as canoas e iam pescar lá de arrastão. Ele ficava seis meses fora, isso ainda acontece atualmente com a falta do camarão e da tainha. Quando havia carência de pescado em nossas lagoas e praias, os pescadores saem de suas casas, deixam suas famílias e vão com os donos das embarcações para o Rio Grande; em busca do peixe e do camarão para o sustento de sua família.

Dona Nilda nos conta que a lagoa do canto da lagoa antigamente era de água doce e tinha muitas espécies de água doce como: Traíra, Jundiá e Cará, os quais não se encontram atualmente. Na lagoa do Canto, a água está salgada, portanto só se pesca peixes de água salgada como: Virote, Tainha e Corvina. Naquela época, não havia geladeira, então as mulheres escalavam o peixe, salgavam e vendiam. O consumo de peixe salgado nessa época era significativo.

Ela também nos falou sobre as esteira de Junco, Piri e Taboa que sua mãe fazia para vender. Ela saía de carroça pelas comunidades da ilha, vendendo as suas esteiras. Dona Nilda ajudava sua mãe a fazê-las e, na atualidade, ela não faz mais, devido a dificuldade para obtenção da matéria-prima: o junco, que é a técnica sobre a qual tem mais domínio.

Ela relatou que Dona Ironina comprava de quem fazia as esteiras e levava para Laguna para vender, e chegando lá, ela vendia para as canoas que vinham de Ribeirão ou Parobé. E traziam laranja, farinha, batata, aipim; traziam de tudo para vender em Laguna. Ela nos contou do primeiro ônibus que passou ali pelo Canto da Lagoa foi no ano de 1968, era apenas uma linha que esse ônibus fazia, ele era diferente dos ônibus de linha que conhecemos, porém similar a um ônibus escolar.

Dona Nilda nos revelou que gostava de andar de carroça que ela se lembra do seu tempo de criança e sente nostalgia quando tem contato com esses elementos que remetem à sua infância e juventude.

Naquela época eles já atravessavam a balsa, mas para irem até a cidade era mais difícil, pois não tinha condução para chegarem até a balsa. A balsa era pequena e de madeira e um bote ia empurrando ela, e era, ainda, menos segura. Tudo era mais

difícil, quando alguém ficava doente tinham que andar a pé até a balsa, atravessar a balsa e depois ir até o hospital a pé também, e, apesar de toda dificuldade, Dona Nilda e sua família gostavam daquela época.

Dona Nilda morava em uma casa de palha com seus pais. Sua família foi uma das primeiras que moraram no Canto da Lagoa. Ela fala de sua família com muito orgulho, pois sua família teve grande contribuição na evolução do Canto da Lagoa e até mesmo na pesca. Relata, que a mãe foi a primeira mulher a descascar siri, ela diz que a mãe que inventou a "descascação" de siri, já que achava um desperdício jogar todo aquele siri pescado fora. Conta, também, que quando foi morar ali não havia luz e a primeira casa a ter luz foi a dela, a luz era ligada no gás, era uma lâmpada para a casa toda.

Depois de um tempo, com a vinda da cooperativa, a mobilização da comunidade incitada pelo seu marido, fez com que todas as casas do Canto da Lagoa tivessem acesso à luz e à energia elétrica. E assim foi feito, faz apenas 34 anos que a energia elétrica foi instalada no Canto da Lagoa.

Dona Nilda viu, também, o surgimento da pesca do camarão na lagoa, foi depois de uma grande enchente na década de 70. Ela relata, que a pesca do camarão sempre foi da mesma até a contemporaneidade, contudo naquela época era com liquinho e hoje é a bateria e com o tempo as coisas mudam e melhoram, ficando mais fáceis.

Desde a época de sua infância, muita coisa mudou Canto da Lagoa, na visão de Dona Nilda, que compara a vida de antigamente com a de hoje, constatando que as pessoas são ricas atualmente, pois ninguém mais vive em casa de palha a maioria das pessoas estão vivendo em casa de alvenaria, a maioria tem carro e as pessoas conseguem fazer dinheiro mais fácil.

O canto da lagoa mudou muito daquele tempo até hoje, aumentou o número de moradores, antes tinha muitos terrenos baldios, a rua era esburacada e quando chovia o trânsito era prejudicado. Agora, está asphaltada, Dona Nilda diz que foi uma das melhores coisas que fizeram no Canto da Lagoa.

Antigamente a paisagem não era tão bonita, mas foi melhorando com o tempo, contudo hoje já está acabando novamente devido à poluição. Outro ponto comentado foi sobre a pesca, que se continuar como está vai deixar de ser uma atividade rentável, pois precisam ser feitas muitas melhorias. Os pescadores estão a cada dia mais desvalorizados e tendo que procurar outros empregos, já que, ultimamente, está muito difícil viver apenas da pesca.

O Canto da Lagoa é um lugar lindo e que propicia uma boa qualidade de vida, que precisa ser preservado em todos os seus

aspectos para que as pessoas que vivem naquela comunidade tradicional vivam melhor podendo usufruir de tudo o que o lugar oferece de forma sustentável, sendo na área da pesca ou de qualquer outra forma.



